

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

5.º Mestrado em Psicologia Social e Organizacional

Percepção de Riscos Ambientais e de Saúde

Identidade associada ao lugar:

Conteúdos identitários e percepção de qualidade ambiental

em localidades de diferente dimensão.

Tese apresentada por: Ana Patrícia Pereira Duarte Baltazar

Sob orientação de: Prof^ª. Doutora Maria Luísa Pedroso de Lima

15 de Novembro de 2002

Este projecto foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Social Europeu no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio (SFRH/BM/4383/2001).

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer a um conjunto de pessoas sem o apoio das quais este projecto não teria certamente sido concretizado:

- Ao Luís, meu marido, por ter abraçado este projecto como se de um projecto seu se tratasse. O seu apoio e compreensão, ao longo destes últimos dois anos, foram cruciais para a concretização do mesmo.
- À Prof^ª. Luísa Lima, sem a orientação da qual não teria chegado a bom porto nesta aventura. Agradeço-lhe a disponibilidade que demonstrou ao longo deste percurso, os incentivos, as críticas e sugestões que ajudaram a dar corpo e a enriquecer este trabalho, mas sobretudo a amizade que revelou para comigo.
- À Carla Mouro, amiga com quem partilhei a aventura da realização deste mestrado. Agradeço-lhe precisamente esse facto: o ter partilhado comigo esta aventura. Sem a permanente partilha de opiniões, de conhecimentos, de sugestões, mas também de sentimentos e inquietações esta aventura não teria sido certamente a mesma.
- À Soraia Jamal que me ajudou na análise de conteúdo e à Manuela Moura que me brindou com a sua amizade e apoio ao longo destes dois anos e me deu uma ajuda indispensável na revisão desta dissertação.
- À minha Família e Amigos em geral, aos quais agradeço a amizade, o apoio incondicional e a confiança que sempre revelaram e continuam a revelar nas minhas capacidades.

Bem hajam!

ÍNDICE

	Página
<u>Resumo</u>	6
<u>Abstract</u>	7
<u>Introdução</u>	8
<u>Estudo 1</u>	
Objectivos.....	27
Método.....	27
Sujeitos.....	27
Instrumento e Procedimento.....	28
Análise de Conteúdo.....	30
Resultados.....	31
Identidade associada ao lugar.....	31
Conteúdos identitários.....	34
Conclusões.....	42
<u>Estudo 2</u>	
Objectivos.....	47
Método.....	48
Sujeitos.....	48
Instrumento e Procedimento.....	51
Resultados.....	53
Estrutura factorial dos conteúdos identitários.....	53
Identidade associada ao lugar: diferenças em função da dimensão da localidade.....	54
Conteúdos identitários: diferenças em função do grau de identidade associada ao lugar.....	56
Conteúdos identitários: diferenças em função da dimensão da localidade.....	57
Conteúdos identitários: efeito de interacção entre identidade associada ao lugar e dimensão da localidade.....	59
Qualidade ambiental percebida: diferenças em função da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade.....	62
Relação entre identidade associada ao lugar, conteúdos identitários e qualidade ambiental percebida.....	63
Percepção de qualidade ambiental em indivíduos com diferentes graus de identidade associada ao lugar: capacidade preditiva dos conteúdos identitários.....	65
Conclusões.....	67
<u>Conclusões Gerais</u>	73
<u>Referências</u>	79
<u>Anexos</u>	84

ÍNDICE DE TABELAS

	Página
Tabela 1. Frequência das categorias em função da dimensão da localidade: categorias com mais de 10 observações.....	35
Tabela 2. Medidas de discriminação e coordenadas das categorias nas dimensões da Homals.....	37
Tabela 3. Características sócio-demográficas da população por localidade.....	49
Tabela 4. Características sócio-demográficas da amostra por localidade.....	49
Tabela 5. Características sócio-demográficas dos grupos constituídos.....	50
Tabela 6. Estrutura factorial dos conteúdos identitários (rotação varimax).....	55
Tabela 7. Diferenças nos conteúdos identitários em função do grau de identidade associada ao lugar.....	57
Tabela 8. Diferenças nos conteúdos identitários em função da dimensão da localidade.....	59
Tabela 9. Correlações entre identidade associada ao lugar, conteúdos identitários e qualidade ambiental percebida.	65
Tabela 10. Regressão múltipla dos conteúdos identitários sobre a qualidade ambiental percebida por indivíduos com baixa e alta identidade associada ao lugar (método enter).....	66

ÍNDICE DE FIGURAS

	Página
Figura 1. Representação gráfica das categorias nas dimensões da Homals.....	39
Figura 2. Representação gráfica das características dos sujeitos nas dimensões da Homals.....	41
Figura 3. Efeito de interacção entre identidade associada ao lugar e dimensão da localidade sobre dimensão resposta a necessidades básicas.....	60
Figura 4. Efeito de interacção entre identidade associada ao lugar e dimensão da localidade sobre dimensão estética.....	61
Figura 5. Efeito de interacção entre identidade associada ao lugar e dimensão da localidade sobre a percepção de qualidade ambiental.....	63

ÍNDICE DE ANEXOS

	Página
Anexo 1. Listagem das localidades referidas pelos sujeitos: número de observações e classificação em função da dimensão.....	85
Anexo 2. Dicionário de categorias.....	87
Anexo 3. Frequência das categorias apuradas através da análise de conteúdo.....	96

RESUMO

Nos últimos anos tem crescido o interesse pelo estudo da identidade associada aos lugares. Um dos aspectos que tem sido negligenciado pela literatura sobre o tema é a análise dos conteúdos subjacentes à identidade associada ao lugar, ou seja, das características atribuídas pelos indivíduos ou grupos ao seu ambiente que são incorporadas nos seus auto-conceitos. Neste projecto de investigação procurou-se identificar os conteúdos subjacentes à identidade associada ao lugar, atendendo nomeadamente à força da identidade associada ao lugar e à dimensão do lugar de identificação. Dado existir suporte empírico para a influência da identidade associada ao lugar sobre a percepção de qualidade ambiental, procurou-se ainda analisar, em primeiro lugar, a relação existente entre identidade, conteúdos e qualidade ambiental percebida, e em segundo, a capacidade preditiva dos conteúdos identitários sobre a qualidade ambiental percebida por indivíduos com diferente nível de identidade. Desenvolveram-se dois estudos exploratórios, o primeiro de natureza qualitativa junto de estudantes universitários, e o segundo de natureza correlacional junto de uma amostra de residentes do Grande Porto, cujos resultados apontam para a existência de cinco grandes dimensões de conteúdo: instrumental, estética, histórico-cultural, resposta a necessidades básicas e problemas ambientais e sociais. A utilização das mesmas na descrição dos lugares de residência é influenciada positivamente pela identidade dos indivíduos e pela dimensão do lugar, sendo que no segundo caso a influência não é linear. Relativamente à relação entre identidade, conteúdos e percepção de qualidade ambiental, verificou-se existir uma associação positiva entre as variáveis. A capacidade preditiva dos conteúdos relativamente à qualidade ambiental percebida por sujeitos com baixa vs. alta identidade é todavia diferente. A qualidade ambiental percebida pelos indivíduos menos identificados com o lugar onde vivem é explicada pela percepção de funcionalidade, beleza, capacidade de resposta a necessidades básicas e existência de problemas ambientais e sociais. No caso de indivíduos mais fortemente identificados, apenas as dimensões funcional e problemas ambientais e sociais contribuem para a explicação da variância na percepção de qualidade ambiental. Em ambas as situações, os julgamentos relativos à riqueza histórico-cultural do lugar não apresentam qualquer valor preditivo. Os resultados são discutidos à luz da literatura relevante. Apontam-se algumas linhas de futura investigação.

ABSTRACT

In the last years, the interest in the study of place related identity has been grown. One of the aspects that has been neglected by the literature in this area is the identity contents analysis or those features attributed by the individuals or groups to their environment which are incorporated in their self or group-concepts. In this investigation project the aim was to identify the place identity contents, taking into account the strength of the place identity and the dimension of the places. Since there is empirical support for the influence of place identity in the perception of environmental quality, it was also aim first to analyse the relationship between place identity, identity contents and perceived environmental quality, and second to evaluate the predictive value of the identity contents concerning the environmental quality perceived by subjects with different degrees of place identity. Two exploratory studies were developed, the first was a qualitative one, with university students, and the second a correlational, with a sample of residents living nearby Oporto. The results indicate that there are five big dimensions of identity contents: instrumental, aesthetic, historic and cultural dimension, basic necessities and environmental and social local problems. The way the subjects use those dimensions to describe or evaluate the places where they live is positively influenciaded by the strength of their place identities and the by the dimension of the places, but in the second case the influence is not linear. The results also show that there is a positive relation between place identity, identity contents and perceived environmental quality. The predictive value of each identity content relatively to the environmental quality perceived by subjects with low vs. high place identity is different. The environmental quality perceive by individuals with low place identity is explained by their perceptions of place instrumentality, beauty, ability to satisfy their basic necessities and existence of environmental and social problems. In the case of subjects with high place identity only the dimensions instrumental and environmental and social local problems contribute to explain the variance in perception of environmental quality. In both situations, the judgements related to the historic and cultural richness of place don't have any predictive value. Results were discussed in the light of relevant literature. Some lines for future investigation were drawn.

INTRODUÇÃO

A importância do ambiente que nos circunda para a construção e manutenção do nosso sentido de identidade pessoal é evidente. De facto, muitas vezes para respondemos à questão “quem sou eu?” contrapomo-la à questão “de onde sou?” ou “aonde é que pertence?” (Cuba e Hummon, 1993), uma manifestação de que muito do que nós somos depende de onde vivemos e das experiências que temos nesse local (McAndrew, 1998). Os resultados de um inquérito recentemente realizado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, junto de uma amostra representativa da população portuguesa, demonstram bem a importância de sermos de um lugar e da ligação que estabelecemos com o mesmo: 41% dos inquiridos afirma que sente que pertence em primeiro lugar ao grupo das pessoas da localidade onde vive, contra 35% que, em primeiro lugar, sente pertencer a Portugal e 18% à região onde vive (Lima, Cabral, Vala e Ramos, 2002 citados por Lima, 2002).

O papel do ambiente na formação e manutenção do sentido de identidade tem sido alvo de atenção por parte de teóricos de vários campos disciplinares, entre os quais a Antropologia, Sociologia, Geografia Humana e Psicologia Ambiental, sendo geralmente atribuída a iniciativa do estudo desta problemática aos geógrafos humanistas, com destaque para os trabalhos de Relph (1976), Buttimer (1978) e Tuan (1980).

No campo da Psicologia Ambiental, o estudo desta questão tem recebido alguma atenção por parte de diversos investigadores, particularmente nas últimas três décadas. Todavia, os avanços realizados não deram ainda azo à constituição de um corpo teórico coerente, sendo muitas as limitações que têm bloqueado severamente os avanços neste campo. Uma das limitações apontadas frequentemente prende-se com a falta de consenso relativamente aos conceitos utilizados e conseqüente confusão conceptual e terminológica que se observa nos vários trabalhos (Giuliani e Feldman, 1993; Hidalgo e Hernández, 2001; Lalli, 1992). Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) propuseram, num trabalho charneira nesta área

(cf. Dixon e Durrheim, 2000; Krupat, 1983; Lalli, 1988), o termo identidade associada ao lugar¹ (*place identity*) para designar a relação que se estabelece entre identidade e ambiente. Na sua essência a identidade associada ao lugar pode ser definida como uma subestrutura da identidade pessoal resultante da apropriação no auto-conceito de características atribuídas ao ambiente. A literatura sobre o lugar², oferece todavia, um amplo conjunto de conceitos similares e em parte sobreinclusivos que procuram dar conta dessa ligação, nomeadamente sentido de lugar (*sense of place*) (Chawla, 1992; Hummon, 1992; Jorgensen e Stedman, 2001; Relph, 1976), ligação ou vinculação ao lugar (*place attachment*) (Altman e Low, 1992; Hidalgo e Hernández, 2001; Riley, 1992), dependência ou confiança no lugar (*place dependence*) (Stokols e Shumaker, 1981) apenas para referir os mais relevantes. Embora estes conceitos partilhem características comuns, apresentam naturalmente algumas características específicas. Impõe-se, por isso, uma breve descrição dos conceitos. O conceito de sentido de lugar, é o conceito mais geral, e refere-se genericamente ao significado atribuído a um lugar por um indivíduo ou grupo (Chawla, 1992; Jorgensen e Stedman, 2001; Relph, 1976). Já o conceito de ligação ao lugar procura dar conta da ligação emocional, na maior parte das vezes positiva, que se estabelece entre indivíduos ou grupos e o seu ambiente, ligação essa que ultrapassa muitas vezes os domínios da cognição, preferência ou avaliação (Altman e Low, 1992; Riley, 1992). Hidalgo e Hernández (2001) salientam o facto do conceito de ligação envolver uma tendência ou desejo por parte do sujeito de permanecer próximo do objecto de vinculação, neste caso, do lugar ou cenário físico ao qual se sente emocionalmente apegado. Por sua vez, o conceito de dependência ou confiança no lugar foi proposto por Stokols e Shumaker (1981) e prende-se com a avaliação que o indivíduo faz da capacidade que o seu ambiente tem de satisfazer as suas necessidades ou objectivos, comparativamente com outros

¹ O termo *place identity* surge também traduzido enquanto “identidade local” ou “identidade com o lugar” (cf. Almeida e Castro, 2002; Lima, 2002).

cenários alternativos. Contrariamente à ligação ao lugar, este conceito implica uma relação baseada na avaliação de objectivos concretos e não apenas numa ligação emocional. Como apontam Hidalgo e Hernández (2001), a diversidade e sobreposição existente entre os termos torna frequentemente difícil saber se se trata do mesmo constructo com outro nome ou de conceitos efectivamente diferentes. A própria forma como os conceitos são aplicados não é consensual, sendo que nalguns casos um dos conceitos é usado como conceito mais geral e integrador (e.g. para Lalli (1992) a ligação ao lugar é uma componente da identidade associada ao lugar; para Jorgensen e Stedman (2001) a ligação ao lugar, identidade associada ao lugar e dependência ao lugar são componentes do sentido de lugar), noutras situações verifica-se que os conceitos são usados como sinónimos (e.g. Brown e Werner (1985) citados por Hidalgo e Hernández (2001) e Stedman (2002) falam de identidade e ligação sem distinguir os conceitos).

Para além da diversidade e heterogeneidade dos termos aplicados para designar a relação entre ambiente e identidade, também a diversidade de abordagens teóricas e empíricas, a falta de instrumentos de medida adequados e a escassez de trabalho empírico têm sido apontadas como limitações existentes ao desenvolvimento da teoria do lugar (e.g. Devine-Wright e Lyons, 1997; Dixon e Durrheim, 2000; Hidalgo e Hernández, 2001; Krupat, 1983; Lalli, 1992; Twigger-Ross e Uzzell, 1996). De acordo com Lalli (1992), a teoria e pesquisa sobre identidade associada ao lugar tem recebido a influência marcante de duas grandes abordagens teóricas: a abordagem fenomenológica e a abordagem positivista. Segundo a perspectiva fenomenológica, a identidade associada ao lugar é perspectivada como uma forte ligação emocional e amplamente inconsciente aos cenários físicos em que o indivíduo se movimenta, assumindo particular importância a casa, ligação essa que assenta num sentido de pertença ao lugar e contribui para a manutenção da identidade, equilíbrio e

² Por “lugar” entende-se um espaço ou contexto físico ao qual as pessoas ou grupos estão emocional ou culturalmente ligados e ao qual atribuíram significados através de processos pessoais, grupais ou culturais (Low

bem estar emocional do indivíduo. Metodologicamente, são privilegiadas as metodologias qualitativas e procuram-se captar os significados atribuídos subjectivamente pelos indivíduos ao seu ambiente. Os trabalhos de Relph (1976), Tuan (1980) e Buttimer (1980) enquadram-se nesta perspectiva. A perspectiva positivista distingue-se da anterior sobretudo por empregar metodologias quantitativas no estudo da relação entre ambiente e identidade, e proceder ao teste de hipóteses, formuladas muitas das vezes a partir dos trabalhos de natureza fenomenológica. Os trabalhos de Lalli (1988, 1992), Shamai (1991) e Cuba e Hummon (1993) são alguns exemplos dos estudos desenvolvidos neste âmbito.

Não obstante as limitações e condicionalismos existentes na literatura sobre o lugar, importa para este trabalho apresentar as principais contribuições para a compreensão da relação existente entre ambiente e indivíduo, particularmente no que se refere ao desenvolvimento e manutenção da identidade associada ao lugar. Conforme se referiu anteriormente, a publicação dos trabalhos de Proshansky (1978) e Proshansky e colaboradores (1983) tem sido apontada como um marco fulcral no estudo da identidade associada aos lugares. Saliente-se que o conceito de identidade associada ao lugar refere-se, neste contexto, à relação que se estabelece entre o indivíduo e um lugar específico, e ao contributo desta relação para a definição subjectiva da identidade pessoal, e não à identidade do lugar em si, isto é, ao conjunto de características atribuídas ao lugar. Partindo da crítica à noção de identidade descontextualizada (*disembodied identity*) das teorias do self e do auto-conceito, os autores propuseram que os cenários físicos constituem parte inerente de qualquer contexto de socialização e conseqüentemente exercem influência sobre a construção da identidade do indivíduo. Na sua perspectiva, “o sentimento subjectivo de self é definido e expresso não apenas pela relação do próprio com outras pessoas, mas também pelas relações do próprio com os diversos cenários que definem e estruturam a vida quotidiana” (Proshansky et al.,

1983, p.58). Os autores conceptualizam a identidade associada ao lugar como “as dimensões do self que definem a identidade pessoal do indivíduo em relação ao ambiente físico através de um padrão complexo de ideias, crenças, preferências, sentimentos, valores, objectivos, capacidades e tendências comportamentais conscientes e inconscientes relevantes para esse ambiente” (p. 155). Enquanto estrutura cognitiva, a identidade associada ao lugar é equacionada como uma sub-estrutura de uma identidade mais geral, equivalente à identidade de género e outras. Pressupondo que os lugares variam na sua capacidade de satisfazer os desejos e necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais dos indivíduos, Proshansky e colaboradores afirmam que os indivíduos associam às suas vivências nos lugares valências que tornam possível estruturar a identidade associada aos mesmos. A identidade associada ao lugar é, assim, teorizada como uma construção pessoal do indivíduo, derivada da experiência quotidiana com o ambiente físico, que ultrapassa o mero sentimento de pertença ou ligação emocional a determinados lugares, como proposto anteriormente pelos geógrafos humanistas. Embora assumam que os outros indivíduos são importantes na modelação da identidade local do indivíduo, o modelo que apresentam tem uma ênfase claramente cognitivista e individual.

De acordo com Proshansky e colaboradores (1983), a identidade associada ao lugar desempenha cinco funções, nomeadamente: (a) função de reconhecimento, que fornece informação acerca do passado ambiental do indivíduo; (b) função de atribuição de significado, que dá indicações sobre como actuar no cenário físico em causa; (c) função de expressão, relativa à moldagem do ambiente pelo indivíduo; (d) função de mediação da mudança, atinente ao grau em que o ambiente pode ser apropriado; e (e) função de defesa da ansiedade, que garante ao indivíduo um sentimento de segurança.

Apesar da sua importância para a teorização do constructo de identidade associada ao lugar, o modelo proposto por Proshansky e colaboradores tem sido alvo de algumas críticas, nomeadamente por não adiantar qualquer informação relativamente aos processos subjacentes

à formação e manutenção da identidade associada ao lugar (cf. Korpela, 1989) e por equacionar a identidade associada ao lugar enquanto construção individual negligenciando a sua componente social e cultural (cf. Lalli, 1992; Altman e Low, 1992).

Um outro contributo importante para a compreensão da identidade associada aos lugares foi dado por Lalli (1988, 1992), que veio salientar precisamente a sua dimensão social. Defendendo que a identidade se pode relacionar com espaços situados em diferentes pontos de um continuum micro-macro espacial (e.g. da casa ao continente inteiro), e que a especificação do nível estudado é vital para a construção de uma teoria apropriada da identidade, optou por fazer referência às cidades aquando da contextualização da identidade. Neste sentido, o seu trabalho centrou-se sobre aquilo que designou de identidade urbana (*urban related identity*), que considera ser “o produto de uma associação complexa entre o self e o ambiente urbano”(p.294). Com base nos trabalhos de Graumann (1983, citado por Lalli, 1992), estabelece que o desenvolvimento da identidade ocorre ao longo de três fases. A primeira, que designa de processo de identificação, consiste na atribuição subjectiva de determinadas propriedades aos lugares em resultado da experiência e da percepção de semelhanças entre objectos, indivíduos, grupos e lugares. No caso concreto da cidade implica a reconstrução subjectiva da mesma, isto é, a criação de uma imagem associada à cidade e aos seus habitantes, com base em elementos como o nome do lugar, características de espaços simbólicos, acontecimentos culturais, elementos geográficos e qualquer outra particularidade que esteja associada ao lugar e lhe confira distintividade. Esta imagem é socialmente partilhada, tem uma determinada valorização, e pode ou não ter uma correspondência com a realidade, o que permite que, por exemplo, os habitantes de uma cidade industrial considerem a mesma como “verde”. Embora não implique o desenvolvimento da identidade associada ao lugar pelo indivíduo, esta primeira fase constitui uma base para a mesma. Para além deste processo é necessário que decorram igualmente os processos de *'identification with'* e *'being*

identified with', mediante os quais o indivíduo se identifica com a cidade e constrói a sua identidade com base na consciência da pertença a um grupo definido pela partilha de um espaço, apropriando-se das características que lhe são atribuídas.

Para o autor, a identidade urbana desempenha duas funções, permitindo, por um lado, ao indivíduo diferenciar-se de outros indivíduos e obter uma auto-estima positiva, e por outro, manter um sentimento de continuidade temporal. No primeiro caso, a identidade urbana permite ao indivíduo que, enquanto residente de determinada localidade, integre determinadas características associadas à mesma no seu auto-conceito e se distinga dessa forma dos indivíduos que não residem na mesma. Uma vez que a imagem da localidade é uma construção subjectiva dos indivíduos ou grupos, e se encontra na maioria das situações enviesada favoravelmente, possibilita ainda que o indivíduo mantenha uma auto-estima positiva. No segundo caso, a cidade pode se tornar um símbolo das experiências pessoais, funcionar como pista para o passado individual e fornecer conseqüentemente um sentimento subjectivo de continuidade ao indivíduo, independente das experiências quotidianas.

Em colaboração com outros investigadores, Lalli desenvolveu uma escala de identidade urbana destinada a quantificar os níveis de identidade urbana, operacionalizada em cinco dimensões: (a) avaliação externa, relativa à função de *self-enhancement* dos residentes; (b) continuidade com passado pessoal, que avalia a importância do ambiente urbano para o sentimento subjectivo de continuidade com passado; (c) ligação geral, que aponta para o sentimento geral de pertença ao lugar ou enraizamento; (d) compromisso, que avalia a importância percebida da cidade para o futuro do indivíduo; e, finalmente (e) percepção de familiaridade, que cobre os efeitos das experiências diárias na cidade, e se assume como uma expressão de uma orientação cognitiva eficiente. Os resultados obtidos a partir da sua aplicação em vários estudos confirmam a importância que os lugares, mais especificamente as

idades, têm para o desenvolvimento e manutenção da identidade pessoal do indivíduo (Lalli, 1988; Lalli e Thomas, 1988, 1989 citados por Lalli, 1992).

Na mesma linha de tentar compreender os aspectos sociais da identidade associada ao lugar, têm sido feitas adaptações quer das teorias da identidade social e auto-categorização social (Tajfel, 1978, 1981; Tajfel e Turner, 1979; Turner, 1987) quer da teoria dos processos identitários (Breakwell, 1986, 1992, 1993, 2001) para o contexto ambiental, que merecem referência.

Segundo as teorias da identidade e auto-categorização social decorrentes dos trabalhos de Tajfel e Turner sobre grupos humanos, os indivíduos desenvolvem uma identidade social com base nos grupos sociais a que pertencem. Esta identidade social pode ser definida como “os aspectos do auto-conceito de um indivíduo baseados no seu grupo social ou pertença a uma categoria, junto com os correlatos emocionais, avaliativos e outros, isto é, o self definido como masculino, europeu, londrino, etc.” (Turner, 1987, p.29). Turner (1987) defende que os níveis de identidade social podem variar entre níveis mais específicos (e.g. identidade associada ao lugar) a níveis mais inclusos ou abstractos (e.g. identidade nacional), sendo que cada nível de identidade pode mediar as percepções e julgamentos ocorridos no mesmo. Desta forma, a identidade associada ao lugar é conceptualizada como uma sub-estrutura da identidade social do indivíduo, constituída por aspectos do auto-conceito baseados na sua pertença a grupos definidos geograficamente. Encontra-se por detrás desta concepção a ideia de que o ambiente pode ser visto como uma categoria social, como um produto social resultante da interacção entre as pessoas que o partilham e não apenas como um mero cenário físico onde essa interacção ocorre (Valera, 1994). Enquanto sub-estrutura da identidade social, pressupõe-se que os princípios e estratégias utilizadas em relação à identificação com o lugar são semelhantes às utilizadas no caso da identificação social com um grupo (e.g. Hogg e Abrams, 1988; Hogg, 1992, citados

por Bonaiuto, Breakwell e Cano, 1996). Desta forma, sempre que os diversos aspectos do ambiente forem, de algum modo, importantes para a auto-identificação dos indivíduos, estes poderão aplicar os processos sócio-cognitivos e psicossociais que são despoletados pelos estímulos sociais tradicionalmente relevantes para a identidade social, nomeadamente enviesamentos na percepção e avaliação de características do ambiente relevante para o auto-conceito e identidade social. Os estudos de Cortês e Aragonés (1991) e de Aragonés, Corraliza, Cortês e Amérigo (1992), sobre percepção do território e identidade social, desenvolvidos em duas regiões agrárias da Comunidade de Madrid, mostram que as pessoas se identificam com o ambiente a vários níveis (ex.: identidade social madrilenha e identidade social castelhana), e que este funciona como uma categoria social. Bonaiuto e colaboradores (1996) desenvolveram um estudo sobre a influência da identidade associada ao lugar e do nacionalismo sobre a percepção de qualidade ambiental. Os autores constataram que os residentes com maiores níveis de identificação com o lugar percepcionavam as praias locais como menos poluídas do que os residentes com menores níveis de identidade associada ao lugar, registando-se o mesmo padrão de resultados no que se refere à relação entre níveis de nacionalismo e percepção da poluição das praias nacionais. Face a estes resultados, os autores concluíram que o ambiente em que as pessoas vivem e ao qual pertencem pode ser considerado como parte do seu auto-conceito, uma vez que é tratado de acordo com o mesmo tipo de princípios que operam geralmente para outros aspectos da identidade do indivíduo, nomeadamente enviesamento ou favoritismo pelo endogrupo.

A teoria dos processos identitários desenvolvida por Breakwell (1986,1992,1993,2001) salienta a natureza eminentemente social dos processos identitários. A teoria propõe que a estrutura da identidade é um produto social dinâmico resultante da interação entre as capacidades de memória, consciência e organização do constructo (características dos organismos biológicos), as estruturas físicas e sociais, e os processos de

influência que constituem o contexto social. A estrutura da identidade pode ser descrita em dois planos: dimensão de conteúdo e dimensão avaliativa. A dimensão de conteúdo consiste nas características que definem a identidade ou, de outra forma, nas características que o indivíduo considera que o descrevem e que, no seu conjunto, o tornam uma pessoa única. Mesmo que muito dos elementos da dimensão de conteúdo sejam partilhados com outras pessoas, o seu arranjo será sempre específico e distintivo do indivíduo. A organização destes conteúdos é dinâmica e altera-se de acordo com o contexto social na qual a identidade é situada, podendo ser caracterizada tendo em conta a força das relações entre os conteúdos e a sua centralidade ou saliência. Cada elemento de conteúdo tem um valor/afecto positivo ou negativo associado, que é atribuído com base nas crenças e valores sociais em interacção com valores pessoais previamente estabelecidos, que constitui precisamente a dimensão avaliativa. Esta encontra-se constantemente sujeita a revisões em consequência de mudanças nos sistemas de valores pessoais e sociais. A estrutura da identidade é regulada por processos dinâmicos de acomodação, assimilação e avaliação. A assimilação refere-se ao modo através do qual os novos elementos são integrados na estrutura da identidade, enquanto que a acomodação se prende com os ajustamentos que ocorrem na estrutura existente para permitir a inclusão dos novos elementos. Quanto ao processo de avaliação, consiste na alocação de significado ou valor aos conteúdos, novos e velhos, da identidade. Verifica-se assim que, na perspectiva da autora a estrutura da identidade é fluída, dinâmica e reage ao seu contexto social.

De acordo com a autora, os processos identitários mencionados são guiados por princípios que definem o estado desejável para a estrutura da identidade. Breakwell (1986) propôs inicialmente a existência de três princípios de identidade distintos, a saber distintividade, continuidade e auto-estima, tendo posteriormente em 1992 acrescentado um quarto princípio, o da auto-eficácia.

O princípio da distintividade, refere-se ao desejo de manter uma distintividade pessoal ou singularidade. No caso da identidade associada ao lugar está relacionado com a percepção dos aspectos únicos da localidade (e.g. em termos físicos, ambientais, de serviços, estilo de vida ou características das pessoas), que permitem distingui-la positivamente de outras. Existem evidências de que os lugares podem funcionar de forma similar a uma categoria social. Nesse sentido, as identificações com o lugar podem ser pensadas como comparáveis às identificações sociais. Desta forma, possibilitam aos seus residentes a aquisição de determinadas características simbólicas que lhes permite distinguir-se dos não residentes, ideia também presente na já abordada perspectiva de Lalli (1992).

O princípio da continuidade constitui um segundo motivador da acção, sendo definido como o desejo de manter a continuidade ao longo do tempo e situação, ou de outra forma, entre auto-conceitos passados e presente. Num desenvolvimento feito à sua teoria, Twigger-Ross e Uzzell (1996) sugeriram a existência de dois tipos distintos de continuidade, nomeadamente a continuidade referente ao lugar, em que os lugares servem como forma de ligação ao passado individual e do grupo funcionando como pistas ou ajudas para a memória, e a continuidade congruente com o lugar, em que o indivíduo procura estabelecer-se em lugares com características semelhantes às suas ou moldar o ambiente de forma ao mesmo se aproximar destas. Embora estas relações não sejam mutuamente exclusivas é sugerido que elas estão relacionadas com padrões distintos de residência (Feldman, 1990; Rowles, 1983).

O princípio da auto-estima, refere-se à avaliação positiva do self ou do grupo de pertença, estando relacionado com o sentimento de valor que é atribuído ao mesmo. O desejo de manter uma concepção positiva do self tem sido vista como motivo central para a acção por muitos teóricos da identidade, nomeadamente por Tajfel e Turner (1979). No que toca ao ambiente, implica a avaliação positiva do self através da pertença a um lugar e a assimilação de características atribuídas ao mesmo. Korpela (1989), num estudo qualitativo acerca da

identidade associada ao lugar enquanto produto da auto-regulação ambiental do indivíduo, demonstrou que os lugares favoritos, para além de desempenharem uma função reguladora do stress e contribuírem para a continuidade do auto-conceito, favorecem o aumento dos níveis de auto-estima em crianças. Outros estudos mostram que ao viver numa cidade histórica as pessoas podem sentir orgulho por associação (Lalli, 1992; Uzzell, 1995, citado por Twigger-Ross e Uzzell, 1996). No entender de Twigger-Ross e Uzzell (1996) esta ocorrência difere da realização de simples avaliações positivas do lugar (e.g. gosto de X), dado que sugere que a pessoa ganha um aumento da sua auto-estima a partir das qualidades do meio (e.g. viver em X faz-me sentir bem comigo mesmo).

O último princípio proposto por Breakwell refere-se à auto-eficácia e prende-se com as crenças do indivíduo relativamente à sua capacidade de gerir e responder às exigências situacionais, e à medida em que o ambiente satisfaz as suas necessidades. Nas situações em que a auto-eficácia é nula, isto é, em que os constrangimentos associados ao ambiente são de tal modo elevados que não permitam aos sujeitos levar a cabo as suas actividades, a identidade do sujeito pode ser comprometida. O mesmo ocorre se qualquer um dos outros princípios for comprometido. Twigger-Ross e Uzzell (1996) confirmam este facto tendo os participantes do seu estudo indicado como constrangimentos à sua relação com o ambiente aspectos como a criminalidade, a poluição sonora e atmosférica.

A teoria dos processos identitários tem sido utilizada como enquadramento teórico na realização de diversos estudos, que comprovam a sua aplicabilidade ao estudo da identidade associada ao lugar. Twigger-Ross e Uzzell (1996) num estudo efectuado sobre identidade associada ao lugar numa zona submetida a mudanças sociais, económicas e ambientais, verificaram que os sujeitos discutiam a sua relação com o ambiente de forma diferente em função do seu grau de identidade. Mais concretamente, os indivíduos identificados com o seu ambiente falavam no mesmo de um forma que apoiava os princípios identitários propostos por

Breakwell, o mesmo não se passando com os sujeitos pouco identificados. Da mesma forma, Speller, Lyons e Twigger-Ross (1996) num estudo sobre o impacto do realojamento de uma comunidade mineira, constataram que a avaliação das mudanças no ambiente divergiam conforme as mesmas eram percebidas ou não como uma ameaça à identidade e conforme os princípios identitários ameaçados. Devine-Wright e Lyons (1997) num estudo realizado sobre a importância dos monumentos históricos para a construção da identidade irlandesa, constataram que os mesmos, através dos significados que lhe são associados por diversos grupos, contribuem para a manutenção de uma identidade nacional positiva e distinta e fornecem um sentido de continuidade com o passado.

Dos contributos até ao momento apresentados, destacam-se três pontos:

(a) a identidade associada ao lugar pode ser genericamente definida como uma sub-estrutura da identidade pessoal do indivíduo, construída com base na assimilação de características atribuídas individual, social e culturalmente aos lugares;

(b) implica dessa forma a construção de uma imagem acerca do lugar, assente nomeadamente nas características físicas, estilo de vida, serviços e infra-estruturas que disponibiliza e nas características dos seus habitantes. Enquanto construção subjectiva implica uma determinada valorização do lugar (positiva ou negativa) e pode não corresponder necessariamente à realidade, sendo influenciado por vários processos sócio-cognitivos;

(c) a identificação do indivíduo com os lugares permite-lhe distinguir-se de outros, manter um sentido de continuidade, de auto-estima e auto-eficácia positiva; caso tal não se verifique, o indivíduo pode sentir a sua identidade ameaçada.

Embora a investigação empírica sobre identidade associada ao lugar realizada até à data não seja extensa, existe suporte empírico quanto à influência da força da identidade associada ao lugar sobre as percepções (e.g. Bonaiuto et al., 1996; Lalli, 1988, 1992), atitudes (e.g. Lalli e Thomas, 1988, 1989, citados por Lalli, 1992; Lima, 1994, 1997 citada por

Lima,1998) e opções comportamentais dos indivíduos face ao seu ambiente (e.g. Nordenstam, 1994, citado por Bonaiuto et al., 1996), bem como quanto à sua importância para o bem estar dos mesmos (e.g. Lima e Palma-Oliveira, 2001). A maioria destes estudos assume uma perspectiva quantitativa, preocupando-se essencialmente com a medição do grau de identidade global manifestado pelos sujeitos, recorrendo a operacionalizações e instrumentos diversos (cf. Lalli, 1992), e a analisar posteriormente a sua relação com outras variáveis. Pouca atenção tem sido dada ao estudo do papel dos conteúdos identitários subjacentes à identidade associada ao lugar, dimensões da identidade que integram as propriedades e características que definem a própria identidade conforme salientado por Breakwell (1986,1992,1993, 2001). Os estudos de Lima (1999), Bonaiuto, Aiello, Perugini, Bonnes e Ercolani (1999) e Gustafson (2001), embora não directamente direccionados pelos autores para esta questão, merecem alguma atenção na medida em que os seus resultados são sugestivos e podem ser transferidos analogicamente para este campo. Lima (1999) demonstrou empiricamente num estudo sobre percepção de riscos associados à construção de uma incineradora, que subjacente ao mesmo grau de identidade associada ao lugar podem existir concepções diferentes da localidade, construídas a partir da valorização de diferentes características e qualidades do lugar, que podem determinar, por sua vez, as atitudes e opções comportamentais dos residentes. Concretamente, a autora verificou que entre residentes com o mesmo grau de identidade existiam dois tipos de conteúdos identitários, rural vs. industrial, e que estes se relacionavam de forma diferente com a percepção do risco associado à construção de uma incineradora. Enquanto a identidade associada ao lugar edificada com base numa representação rural da localidade se relacionava significativa e negativamente com a percepção de riscos, a identidade associada ao lugar consubstanciada numa visão industrial não apresentava qualquer relação significativa com a percepção de risco. Neste caso, a simples medição do grau de identidade não bastava para a compreensão das posições dos residentes, sendo o

conhecimento dos seus conteúdos imprescindível. Em nosso entender, tal reforça a importância de se encetar estudos que permitam identifica-los.

O estudo de Bonaiuto e colaboradores (1999), por seu turno, foi desenvolvido com o objectivo de analisar a relevância da satisfação residencial para o desenvolvimento da ligação ao lugar. Na medida em que definem a ligação ao lugar como a “relação global entre a identidade da pessoa e as avaliações afectivas do seu ambiente” (p.333) e operacionalizam a satisfação residencial enquanto percepção de qualidade ambiental, considera-se que pode ser re-interpretado extensivamente como um estudo sobre a relevância da percepção da qualidade ambiental para a identidade associada ao lugar. Aplicaram, a uma amostra de habitantes de Roma, 20 escalas sobre arquitectura e planeamento (e.g. beleza estética dos edifícios, volume excessivo dos edifícios, contraste estético entre construções, funcionalismo interno da cidade, espaços verdes), características das relações sociais (e.g. características dos residentes, presença de relações sociais), serviços (e.g. serviços de saúde, assistência social a idosos, educação, desporto) e características do contexto (e.g. estilo de vida, tranquilidade, poluição, preservação do espaço público). A partir dos resultados obtidos concluíram que as dimensões utilizadas são importantes para prever a ligação ao lugar e que existe uma hierarquia no poder preditivo das mesmas, assumindo as características do contexto e as características sociais maior importância comparativamente com as características arquitectónicas e de planeamento e os serviços. Neste sentido, é possível concluir que as diferentes dimensões de avaliação do ambiente, que interpretamos como possíveis dimensões de conteúdos identitários, determinam de forma diferente a relação que se estabelece entre o indivíduo e o seu ambiente.

Gustafson (2001) desenvolveu um estudo bastante interessante sobre os significados dos lugares. A partir da análise de significados espontaneamente atribuídos a lugares considerados importantes pelos sujeitos, constatou que os mesmos podiam ser mapeados em torno de três pólos que designou de Eu, Outros e Ambiente. O primeiro pólo compreende

significados derivados de memórias e experiências pessoais (e.g. trajecto de vida, raízes, sentimentos, actividades). O segundo pólo compreende significados atribuídos com base nas características, traços e comportamentos percebidos dos habitantes, baseados muitas das vezes em estereótipos. O terceiro pólo inclui significados atinentes às características físicas, históricas, institucionais e geográficas dos lugares (e.g. localização, centralidade, clima). Para além disso, constatou que outros significados poderiam ser mapeados entre os pólos, por exemplo, relações sociais e de vizinhança entre os pólos Eu e Outros; temas que discutem o clima social e a atmosfera no lugar entre os pólos Outros e Ambiente; significados baseados no conhecimento formal e informal do indivíduo acerca do lugar (e.g. geografia, história, familiaridade) em torno dos pólos Eu e Ambiente; e, finalmente, alguns temas entre todos os pólos (e.g. cidadania, tradições, participação social em instituições locais). Para além do amplo número de significados que os lugares podem ter para diferentes pessoas, constatou que os significados atribuídos aos lugares divergiam com alguma coerência conforme a dimensão dos mesmos. Basicamente, aos lugares de menor dimensão (e.g. residências, bairros, vilas ou pequenas cidades) eram atribuídos muitas vezes significados situados nos pólos Eu, Eu e Outros e Eu e Ambiente, que implicam uma referência directa à pessoa; aos lugares de maior dimensão (e.g. cidades grandes, regiões, continente) eram atribuídos com maior frequência significados situados nos pólos Outros e Ambiente sem referência directa ao sujeito. Estes resultados alertam, em nossa opinião, para o facto de que subjacente à identidade com locais de diferente dimensão poderão se encontrar conteúdos identitários diferentes.

Esta questão encontra-se, todavia, pouco explorada em termos empíricos, apesar de Altman e Low (1992) entre outros autores, terem afirmado há sensivelmente uma década que os lugares a que as pessoas se ligam e identificam variam em escala, especificidade e tangibilidade. A maioria dos estudos efectuados sobre identidade associada ao lugar focam-se, primordialmente, sobre o significado que determinados contextos físicos têm para o

desenvolvimento e manutenção da identidade do sujeito (e.g. casa, local de trabalho, escola, bairro, cidade), sendo pouco os que analisam a relevância de diferentes espaços físicos em simultâneo. O estudo de Cuba e Hummon (1993) constitui uma excepção nesta matéria, tendo os autores constatado que os sujeitos se identificam, embora em graus diferentes, com vários espaços em simultâneo (residência, cidade e região), e que a identificação com cada um dos lugares é determinada por diferentes conteúdos afiliativos resultantes da interpretação do lugar e das experiências no mesmo. Recentemente, também Hidalgo e Hernadéz (2001) estudaram a questão da ligação a diferentes espaços (residência, bairro e cidade), introduzindo duas dimensões de ligação ao lugar: ligação física (relacionada com a mudança de ambiente físico e manutenção do ambiente social: como se sentiria o sujeito se mudasse de residência acompanhado pelas pessoas que o rodeiam) e ligação social (relacionada com a mudança de ambiente social e manutenção do ambiente físico: como se sentiria o sujeito se as pessoas que o rodeiam mudassem de residência, mas ele permanecesse no lugar). Os resultados relativos à identificação com vários locais vão no sentido dos de Cuba e Hummon (1993). Relativamente às dimensões da ligação, mostram que a ligação física é mais forte quando o foco de ligação é a cidade, enquanto que a ligação social é mais forte quando o foco de ligação é a residência. Na nossa perspectiva, este resultado sugere que a identificação com um lugar de menor dimensão poderá resultar da avaliação dos seus aspectos e características sociais, enquanto que a identificação com um lugar maior dimensão poderá ter subjacente uma avaliação mais genérica, orientada para as características físicas do lugar, nomeadamente as apontadas por Bonaiuto e colaboradores (1999).

Tendo por base a revisão de literatura efectuada, considera-se então que a análise dos conteúdos e significados que subjazem à identificação dos indivíduos com o seu ambiente é vital para a compreensão da relação que entre estes se estabelece. Da mesma forma, considera-se pertinente analisar a existência de diferenças nos conteúdos identitários quer em

função do grau de identificação local dos sujeitos, quer em função da dimensão do próprio lugar. Face à negligência a que estas questões têm sido votadas pela literatura, estabelece-se, como objectivo central deste projecto, o estudo dos conteúdos subjacentes à identidade associada ao lugar e a análise da relação existente entre este, o grau de identidade reportado pelos sujeitos e a dimensão dos locais de identificação. Para além disso, e na medida em que existe, por um lado, um conjunto de estudos que constata a existência de uma relação positiva entre a identidade associada ao lugar reportada pelos indivíduos e a percepção da qualidade do ambiente local (e.g. Bonaiuto et al., 1996; Lalli e Thomas, 1998, 1999 citados por Lalli, 1992), e por outro, o estudo de Lima (1999) demonstra que conteúdos identitários diferenciados se encontram associados de forma distinta à percepção de riscos, estabelece-se ainda como objectivo deste projecto analisar em que medida o grau de identidade associada ao lugar e os conteúdos identitários se encontram relacionados com a percepção da qualidade ambiental do lugar, procurando nomeadamente determinar o seu valor preditivo.

Sistematizando, os objectivos do presente projecto de investigação são:

1. Identificar os conteúdos identitários subjacentes à identidade associada ao lugar;
2. Analisar em que medida o grau de identidade associada ao lugar difere em função da dimensão da localidade em que os indivíduos residem;
3. Analisar em que medida os conteúdos identitários diferem em função da força identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade em que os indivíduos residem;
4. Analisar em que medida a qualidade ambiental percebida é influenciada pela força da identidade associada ao lugar e pela dimensão da localidade em que os indivíduos residem;
5. Analisar em que medida o grau de identidade associada ao lugar e os diferentes conteúdos identitários se encontram relacionados com a percepção da qualidade ambiental local.

6. Analisar em que medida conteúdos identitários diferem na sua capacidade de prever a qualidade ambiental percebida de indivíduos com diferentes níveis de identidade associada ao lugar.

De forma a cumprir os objectivos estabelecidos, foi desenvolvido um plano de trabalho que englobou a realização de dois estudos de natureza exploratória. No Estudo 1, recorrendo a uma metodologia qualitativa, procurou-se identificar os conteúdos identitários subjacentes à identidade associada ao lugar. A recolha de informação acerca da dimensão das localidades com as quais os sujeitos expressaram a sua identidade e do grau de identidade associada ao lugar permitiu desenvolver algumas análises quanto à relação entre estas variáveis e os conteúdos identitários. Com base nos conteúdos identitários identificados neste estudo, foi construída uma escala de conteúdos identitários aplicada no Estudo 2. Este estudo visou analisar a estrutura dos conteúdos identitários e a sua relação com o grau de identificação dos sujeitos e com a dimensão da localidade de residência, bem como responder aos objectivos estabelecidos para a análise da relação entre qualidade ambiental percebida e as restantes variáveis em estudo, assumindo uma natureza correlacional. Nas páginas seguintes apresenta-se com detalhe os estudos efectuados e sintetizam-se os principais achados. No final da exposição, apresentam-se as considerações e conclusões gerais do projecto.

ESTUDO 1

Objectivos

O presente estudo teve como objectivo principal identificar os conteúdos identitários subjacentes à identidade associada ao lugar, tendo em conta nomeadamente o grau de identidade associada ao lugar e a dimensão da localidade objecto de identificação.

Método

Sujeitos

Pretendeu-se neste estudo obter a colaboração de indivíduos provenientes de localidades de diferente dimensão, mais concretamente de cidades, vilas e aldeias diferentes. Tendo em conta a diversidade de localidades de onde os estudantes universitários provêm, optou-se por recorrer à sua colaboração. Para além das questões de conveniência na recolha de dados, adiante-se que os estudantes universitários constituem um grupo que se encontra num momento transaccional das suas vidas, em que a mudança de residência e o corte de antigas relações está mais saliente, o que facilita a reflexão e pensamento necessário ao desenvolvimento da consciência de ligação ao lugar (McAndrew, 1998).

Participaram no presente estudo 110 estudantes dos 1.º e 2.º anos da licenciatura em Psicologia, de duas instituições do ensino superior de Lisboa, dos quais 7 foram posteriormente excluídos da análise por não responderem às questões abertas (n= 4) ou por indicarem como suas terras uma localidade não portuguesa (n= 3).

Os 103 sujeitos remanescentes são maioritariamente do sexo feminino (84,0%) e têm idades compreendidas entre os 18 e os 36 anos (M= 21,5; DP= 3,99). A maioria dos mesmos (54,4%) indicou uma cidade portuguesa como sendo a sua terra, 35,9% uma vila e 9,7% uma

aldeia. A maioria dos participantes reside actualmente na localidade por si indicada (63,4%), embora não seja natural da mesma (55,7%).

De referir que, no conjunto, as respostas obtidas têm por base a referência a localidades distribuídas geograficamente por todo o país, incluindo os arquipélagos da Madeira e dos Açores, o que vai de encontro às pretensões iniciais (Anexo 1).

Instrumento e Procedimento

A recolha de dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário construído para o efeito. De referir que a primeira questão deste questionário solicitava ao sujeito que, independentemente da localidade em que actualmente residia, indicasse a localidade que considerava ser a sua terra. Após responder a esta questão, o sujeito eram solicitados a responder às seguintes medidas:

Ligação ao lugar. A natureza da ligação do indivíduo à sua terra e os motivos subjacentes à mesma foram identificados mediante as questões “Sente-se ligado à sua terra?” (Sim, Não) e “Porquê?”.

Identidade associada ao lugar. A identidade associada ao lugar foi avaliada através de dois tipos de medida, nomeadamente uma escala de identidade que permitiu quantificar o grau de identificação com o lugar e um conjunto de questões de resposta aberta que permitiram identificar os conteúdos simbólicos ou as dimensões de avaliação subjacentes a essa identificação.

A escala de identidade associada ao lugar é composta pelos itens “sinto que pertenço a esse lugar”, “sinto-me orgulhoso por pertencer a esse lugar” e “gosto muito desse lugar” e apresenta uma boa consistência interna ($\alpha=.87$). A resposta aos itens é dada numa escala de cinco pontos, que varia entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente), sendo que o resultado da escala é dado pela média dos 3 itens.

Através das questões de resposta aberta procurou-se identificar os conteúdos identitários ou às dimensões de avaliação, acedendo à representação que os indivíduos possuem da localidade. Foram colocadas sete questões abertas, sendo uma adaptada de Krupat (1985/1999) e as restantes elaboradas tendo por base os princípios da identidade propostos por Breakwell (1986, 1992, 1993, 2001). A questão adaptada do trabalho de Krupat (1985/1999) permite aceder à representação geral da localidade: “Imagine que se encontra a conversar com alguém que ainda não conhece a sua terra. Como descreveria a sua terra a essa pessoa? Indique o maior número de características possível”. As restantes procuram obter informação acerca das características únicas da localidade e dos seus habitantes (“Considera que a sua terra possui características únicas que a tornam diferente das outras localidades? Se sim, quais?”; “Considera que os mesmos [habitantes] possuem características únicas que os tornam diferentes dos habitantes de outras localidades? Se sim, quais?”), recordações associadas à terra (“Tem recordações do seu passado que estejam intimamente ligadas à sua terra? Dê alguns exemplos.”), vantagens e desvantagens associadas à mesma (“Indique, por favor, quais os aspectos da sua terra de que mais gosta.”; “ E quais os que menos gosta? ”) e infra-estruturas, serviços e oportunidades a criar (“que condições gostaria que fossem ainda criadas?”). De referir que as respostas relativas às recordações do passado foram posteriormente excluídas da análise, por se verificar a existência de dificuldades na compreensão da questão por parte dos sujeitos.

Caracterização sócio-demográfica. A este nível foram colocadas questões sobre o sujeito (sexo, idade, habilitações académicas, naturalidade, local de residência actual, anos de residência no mesmo) e sobre a localidade indicada (concelho a que pertence, dimensão – aldeia, vila ou cidade).

Os questionários foram preenchidos individualmente pelos sujeitos em sala de aula, após se ter obtido o seu consentimento relativamente à participação num estudo sobre a

opinião dos portugueses acerca das suas terras. De referir que a resposta ao questionário oscilou entre os 10 e os 20 minutos.

Análise de Conteúdo

As respostas obtidas às questões abertas foram submetidas a uma análise de conteúdo, uma técnica de investigação comum na investigação empírica (Vala, 1987), que de acordo com Krippendorff (1980) “permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (p.21). Procurou-se através desta análise identificar os conteúdos subjacentes à identidade associada ao lugar, ou de outra forma, as dimensões, motivos, elementos ou características salientes para os indivíduos na avaliação da sua localidade. O sistema de categorias utilizado foi totalmente construído *a posteriori*, através da leitura e levantamento dos conteúdos contidos no *corpus*, definindo-se como unidade de registo o tema. É constituído por 73 categorias, agrupadas em oito dimensões:

(a) Dimensão Social, que agrega oito categorias relacionadas com aspectos sociais da relação do indivíduo com o meio, entre as quais a existência de Redes Sociais, Raízes e Espírito de Comunidade;

(b) Caracterização dos Habitantes, que agrega nove categorias utilizadas para a caracterização dos habitantes, das quais quatro são positivas (e.g. Mentalidade Aberta, Simpatia), quatro negativas (e.g. Mentalidade Fechada, Impessoalidade) e uma neutra (Pronúncia Específica);

(c) Caracterização do Património Histórico e Cultural, que agrega cinco categorias que permitem realizar a caracterização histórica e cultural da localidade, entre as quais os Monumentos, Tradições e a Gastronomia;

(d) Caracterização do Património Natural, que agrega sete categorias referentes ao património natural da localidade, entre as quais a Beleza da Paisagem, Proximidade com a Natureza, Espaços Verdes Suficientes e Insuficientes;

(e) Caracterização do Ambiente Físico e Social, que agrega oito categorias que permitem caracterizar o ambiente físico e social da localidade, entre as quais Avaliação Positiva da Localidade, Qualidade Ambiental, Poluição, Bulício e Tranquilidade;

(f) Caracterização Económica, que agrega oito categorias relacionadas com a caracterização económica da localidade, nomeadamente Desenvolvimento da Localidade, Estagnação da Localidade, Maiores Oportunidades de Emprego, Menor Custo de Vida;

(g) Caracterização Sócio-Demográfica, que engloba nove categorias que permitem caracterizar sócio-demograficamente a localidade, nomeadamente Pequena Dimensão, População Jovem, Dormitório, Segurança, Diversidade/Heterogeneidade de Pessoas;

(h) Caracterização das Infra-Estruturas e Serviços Locais, que agrega 19 categorias que permitem caracterizar as infra-estruturas e serviços locais a vários níveis incluindo a saúde, o ensino, o trânsito, os transportes públicos, as infra-estruturas rodoviárias e desportivas entre outras. No anexo 2 apresenta-se na íntegra o sistema de categorias utilizado.

De forma a garantir a exaustividade e exclusividade das categorias e consequentemente a sua confirmabilidade, procedeu-se à realização do acordo interjuizes, solicitando-se para tal a colaboração de um cotador independente que categorizou 177 unidades de análise, correspondentes a 14 questionários retirados aleatoriamente do corpus. Obteve-se um K de Cohen de .90 para o conjunto das oito dimensões, valor considerado excelente, mas que dada a natureza relativamente objectiva da categorização não se considera surpreendente. Dado se ter verificado que as discordâncias ocorriam com maior incidência na categorização de unidades relativas à Dimensão Social, e de forma a validar a mesma, realizou-se um novo acordo apenas para a categorização destes itens, verificando-se a

existência de um K de Cohen de .72, inferior ao do sistema de categorias global, mas mesmo assim considerado bom (Robson, 1993).

Após a análise de conteúdo, registou-se em base de dados a utilização de cada uma das categorias por sujeito, criando-se uma matriz de presenças e ausências. De salientar, que não se teve em linha de conta o número de vezes que cada categoria foi utilizada pelo sujeito, mas apenas a sua utilização ou não, por parte deste, ao longo das respostas.

Resultados

Os dados recolhidos foram analisados com recurso à estatística descritiva univariada (percentagem, média e desvio-padrão) e multivariada (análise de homogeneidade), bem como à estatística indutiva (análise de variância e teste do χ^2).

Quanto à ordem de apresentação, reportam-se em primeiro lugar os resultados atinentes à identidade associada ao lugar e à sua relação com a dimensão das localidades. Seguidamente expõe-se os resultados relativos aos conteúdos identitários, nomeadamente no que se refere às categorias mais frequentes, diferenças na saliência das categorias em função da dimensão da localidade e do grau de identidade dos sujeitos, forma como as categorias se associam entre si e se localizam num espaço definido por duas dimensões e características da amostra associadas às mesmas.

Identidade associada ao lugar

Constata-se que os sujeitos reportam uma forte identidade associada ao lugar ($M=4,18$; $DP=0,76$). Embora inicialmente se pretendesse comparar simultaneamente o grau de identidade associada ao lugar e os conteúdos identitários associados a localidades de diferente dimensão, concretamente a cidades, vilas e aldeias, o reduzido número de referências a aldeias ($n=10$), levou a que se optasse por constituir apenas dois grupos, cidades ($n=56$) e vilas/aldeias ($n=47$), respectivamente. Através da realização de uma análise de variância, procurou-se indagar a existência de diferenças significativas no grau de identidade associada ao lugar apresentado por indivíduos que se referem a cidades e aqueles que se referem a vilas/aldeias. O resultado obtido sugere que todos os sujeitos estão bastante identificados com as suas terras, independentemente da sua dimensão, não tendo se verificando diferenças significativas entre os grupos no grau de identidade reportado ($F(1,102)=0,03$, n.s.).

Conteúdos Identitários

A análise da frequência das categorias permitiu verificar grandes discrepâncias no número de ocorrências das mesmas (mínimo 1; máximo 63). As categorias Raízes (61,2%), Tranquilidade (54,2%), Redes Sociais (52,2%) e Avaliação Positiva da Localidade (45,6%) assumem um papel central na descrição das localidades, sendo referidas por mais de 45,0% dos sujeitos como factores de ligação à terra. Outras categorias salientes são a Centralidade, Espaços Verdes Suficientes, Praia e Mar, Suficientes Ofertas Culturais e de Lazer, Insuficientes Ofertas Culturais e de Lazer, Simpatia e Qualidade Ambiental, cujas frequências oscilam entre os 30 e 20%. A tabela 1 apresenta as frequências das categorias com mais de 10 observações. O anexo 3 apresenta as frequências da totalidade das categorias identificadas.

De forma a verificar se existiam diferenças entre os conteúdos associados a localidades de diferente dimensão, procedeu-se à realização de testes do qui-quadrado entre cada categoria e a variável dimensão da localidade. Verificou-se a existência de diferenças significativas entre as localidades em função da sua dimensão em apenas seis categorias, assinaladas na tabela 1 a negrito, nomeadamente Tranquilidade ($\chi^2(1)=4,68$, $p=.031$), Proximidade com a Natureza ($\chi^2(1)=13,39$, $p=.000$) e Espírito de Comunidade ($\chi^2(1)=9,09$, $p=.003$) a favor das vilas/aldeias e Bulício ($\chi^2(1)=3,44$, $p=.05$), Suficientes Espaços Verdes ($\chi^2(1)=7,03$, $p=.008$) e Suficientes Ofertas Culturais e de Lazer ($\chi^2(1)=3,78$, $p=.05$) a favor das cidades. Neste sentido, verifica-se que as cidades comparativamente com as vilas/aldeias são vistas como localidades com um ritmo de vida mais agitado e menos tranquilo, onde o espírito de comunidade e a proximidade com a natureza são menores, mas que oferecem aos seus habitantes melhores ofertas culturais e de lazer e mais espaços verdes construídos, compensando de certa forma os seus habitantes pela menor proximidade com a natureza.

Tabela 1. Frequência das categorias em função da dimensão da localidade: categorias com mais de 10 observações.

Categoria	Cidade (%)	Vila ou Aldeia (%)	Total (%)
Raízes	34 (60,7)	29 (66,7)	63 (61,2)
Tranquilidade *	25 (45,0)	31 (66,0)	56 (54,4)
Redes Sociais	26 (46,4)	28 (59,6)	54 (52,4)
Avaliação Positiva da Localidade	22 (39,3)	25 (53,2)	47 (45,6)
Centralidade	17 (30,4)	14 (29,8)	31 (30,1)
Espaços Verdes Suficientes *	23 (41,1)	8 (17,0)	31 (30,1)
Praia e Mar	14 (25,0)	15 (31,9)	29 (28,2)
Suficientes Ofertas Culturais e de Lazer *	19 (33,9)	8 (17,0)	27 (26,2)
Insuficientes Ofertas Culturais e de Lazer	13 (23,2)	11 (23,4)	24 (23,3)
Simpatia	12 (21,4)	12 (25,5)	24 (23,3)
Qualidade Ambiental	9 (16,1)	12 (25,5)	21 (20,4)
Espírito de Comunidade *	4 (7,1)	14 (29,8)	18 (17,5)
Insegurança	11 (19,6)	7 (14,9)	18 (17,5)
Trânsito Elevado	13 (23,2)	5 (10,6)	18 (17,5)
Menores Oportunidades de Emprego	10 (17,9)	7 (14,9)	17 (16,5)
Beleza da Paisagem	10 (17,9)	7 (14,9)	16 (15,5)
Proximidade com a Natureza **	2 (3,6)	14 (29,8)	16 (15,5)
Segurança	9 (16,1)	7 (14,9)	16 (15,5)
Tradições	10 (17,9)	6 (12,8)	16 (15,5)
Acessibilidade de Serviços	8 (14,3)	7 (14,9)	15 (14,6)
Espaços Verdes Insuficientes	5 (8,9)	9 (19,1)	14 (13,6)
Monumentos	8 (14,3)	6 (12,8)	14 (13,6)
Simplicidade	7 (12,5)	7 (14,9)	14 (13,6)
Passado Histórico	6 (10,7)	6 (12,8)	12 (11,7)
Bulício *	9 (16,1)	2 (4,3)	11 (10,7)
Falta de Privacidade	6 (10,7)	5 (10,6)	11 (10,7)
Infra-Estruturas Rodoviárias Insuficientes	9 (16,1)	6 (12,8)	11 (10,7)
Património Arquitectónico	8 (14,3)	3 (6,4)	11 (10,7)
Clima	6 (10,7)	4 (8,5)	10 (9,7)
Infra-Estruturas de Ensino Insuficientes	7 (12,5)	4 (8,5)	10 (9,7)
Poluição	8 (14,3)	2 (4,3)	10 (9,7)

As categorias onde se verificam diferenças significativas entre localidades estão assinaladas a negrito: * p <.05, ** p <.000

Procurou-se também verificar a existência de diferenças na utilização das categorias em função da identidade associada ao lugar reportada. Com base na média da amostra neste indicador criaram-se dois grupos que se designaram de baixa (42,7%) e alta (57,3%) identidade associada ao lugar. Os resultados dos testes do qui-quadrado efectuados entre os níveis de identidade e as diversas categorias apuradas apresentam valores significativos apenas nas categorias Qualidade Ambiental ($\chi^2(1)=8,72$, $p= .003$) e Espírito de Comunidade ($\chi^2(1)=3,75$, $p= .05$), revelando que os indivíduos mais identificados com a localidade utilizam mais frequentemente estas categorias na descrição das suas terras, o que mostra que a percepção de qualidade ambiental e de um espírito de comunidade forte está mais saliente para os sujeitos que se identificam fortemente com as suas terras que para os que se identificam menos com as mesmas.

Procurando perceber como se associam as diversas categorias apontadas pelos sujeitos em referência às suas terras, procedeu-se à realização de uma análise de homogeneidade (Homals). Note-se que, para esta análise, apenas foram utilizadas as categorias com 10 ou mais ocorrências, as quais constam na tabela 1. Os resultados da Homals são resumidos em duas dimensões, em que a primeira é mais explicativa do que a segunda (valores próprios de 0,11 e 0,09 respectivamente), e que convergiu numa solução ao fim de 12 iterações. A tabela 2 apresenta as medidas de discriminação e as coordenadas das categorias nas dimensões.

As medidas de discriminação mostram que as categorias que mais contribuem para a definição do primeiro eixo são as categorias Tranquilidade, Poluição, Bulício, Suficientes Ofertas Culturais e de Lazer, Trânsito Elevado e Monumentos. Através das coordenadas das categorias podemos verificar que a primeira dimensão opõe uma representação da localidade assente na Tranquilidade a uma representação associada ao Bulício e à Poluição ambiental.

O segundo eixo é definido pelas categorias Acessibilidade de Serviços, Centralidade e Passado Histórico e opõe uma visão mais prática/instrumental da localidade, assente essencialmente na caracterização das infra-estruturas e serviços locais indispensáveis à vida quotidiana, a uma visão essencialmente estética apoiada na beleza da paisagem e na riqueza do seu passado histórico.

Tabela 2. Medidas de discriminação e coordenadas das categorias nas dimensões da Homals

Categoria	Medidas de discriminação		Coordenadas nas dimensões	
	Dimensão 1	Dimensão 2	Dimensão 1	Dimensão 2
	1	2	1	2
Qualidade Ambiental	,051	,057	-0,45	-0,47
Poluição	,407	,003	1,95	0,17
Clima	,097	,049	-0,95	-0,68
Suficientes Ofertas Culturais e de Lazer	,289	,050	0,90	-0,38
Insuficientes Ofertas Culturais e de Lazer	,064	,033	-0,46	0,33
Bulício	,303	,053	1,59	0,67
Tranquilidade	,463	,009	-0,62	0,09
Avaliação Positiva da Localidade	,000	,050	-0,02	-0,24
Segurança	,098	,097	-0,73	0,73
Insegurança	,115	,118	0,74	0,75
Menores Oportunidades de Emprego	,029	,034	-0,39	-0,41
Redes Sociais	,078	,003	-0,27	-0,05
Falta de Privacidade	,136	,011	-1,07	-0,30
Raízes	,025	,010	-0,13	0,08
Espírito de Comunidade	,174	,005	-0,91	0,16
Simpatia	,078	,079	-0,51	-0,51
Simplicidade	,088	,030	-0,75	-0,44
Espaços Verdes Insuficientes	,001	,144	-0,06	0,96
Centralidade	,000	,329	0,03	0,87
Acessibilidade de Serviços	,065	,485	0,62	1,69
Infra-estruturas Rodoviárias Insuficientes	,008	,133	-0,22	0,88
Trânsito Elevado	,254	,024	1,09	0,33
Infra-estruturas de Ensino Insuficientes	,009	,076	0,28	0,80
Monumentos	,236	,187	1,22	-1,09
Património Arquitectónico	,103	,070	0,93	-0,77
Passado Histórico	,133	,225	1,01	-1,31
Tradições	,008	,053	-0,20	-0,54
Beleza da Paisagem	,056	,195	0,55	-1,03
Proximidade com a Natureza	,056	,102	-0,55	-0,74
Praia e Mar	,021	,019	-0,23	0,22
Espaços Verdes Suficientes	,000	,001	0,03	0,05

A observação mais cuidada dos quatro quadrantes resultantes do cruzamento das duas dimensões identificadas revela a existência de quatro formas distintas de conceber as localidades (Figura 1).

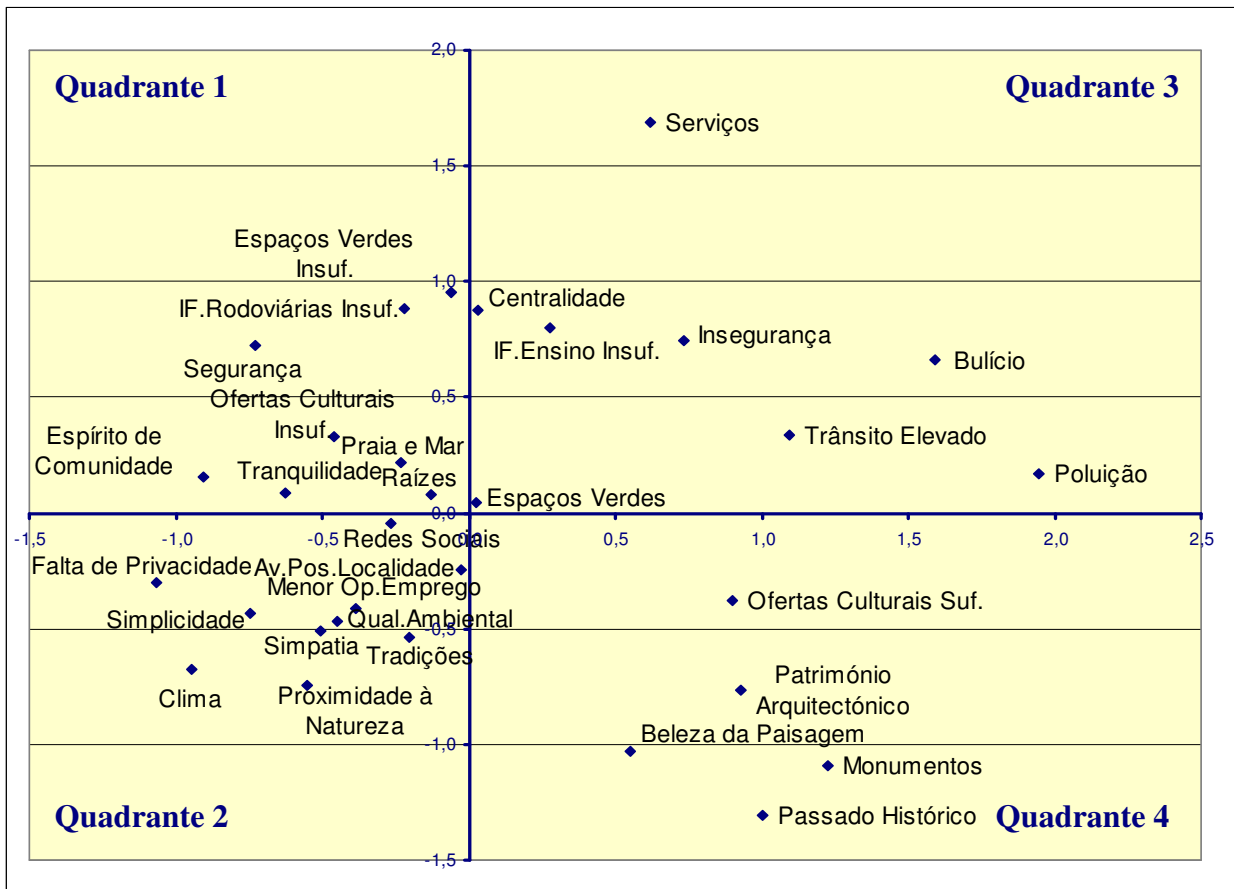
A primeira, resultante da intersecção dos pólos Tranquilidade e Visão Prática/Instrumental, integra as categorias espírito de comunidade, praia e mar, segurança, ofertas culturais e de lazer insuficientes, infra-estruturas rodoviárias insuficientes (estradas e estacionamento) e espaços verdes insuficientes.

A segunda, resultante da intersecção dos pólos Tranquilidade e Visão Estética, integra as categorias avaliação positiva da localidade, simpatia, tradições, simplicidade, redes sociais, clima, proximidade com a natureza, qualidade ambiental, falta de privacidade, uma combinação que aponta para a localidade como, no fundo, um meio onde as pessoas e as relações que se estabelecem entre estas assumem um papel central, embora alguns excessos possam originar a falta de privacidade.

A terceira, resulta da intersecção dos pólos Bulício e Visão Prática/Instrumental, reunindo as categorias acessibilidade de serviços, centralidade, insuficientes infra-estruturas de ensino, insegurança, bulício, trânsito e poluição.

Por último, a quarta resulta da intersecção dos pólos Bulício e Visão Estética e constitui essencialmente uma visão positiva da localidade, assente nas ofertas culturais e de lazer suficientes, na riqueza de monumentos e do património arquitectónico local e na beleza da paisagem.

Figura 1. Representação gráfica das categorias nas dimensões da Homals³



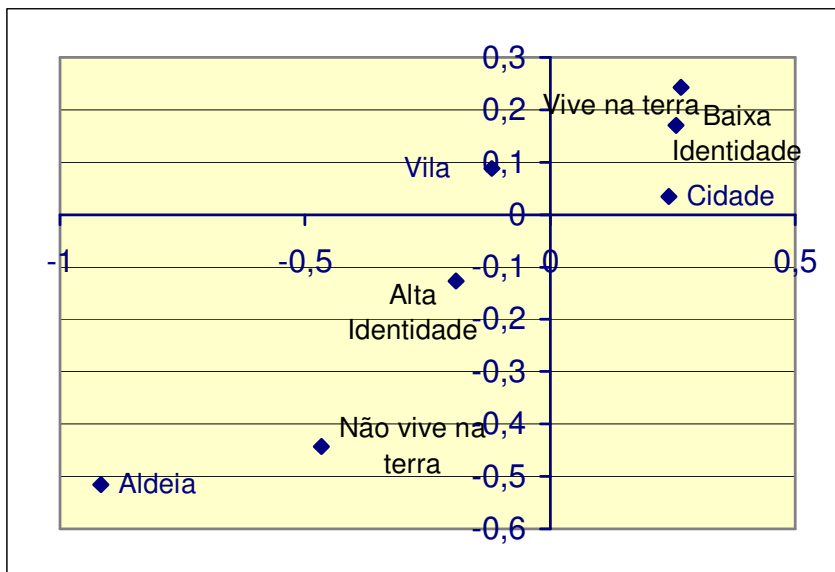
Para associar as características dos participantes às dimensões encontradas na Homals calcularam-se, para cada indivíduo os scores em cada uma das dimensões. Deste modo foi possível projectar as pertenças dos indivíduos no espaço definido pelos dois eixos. A figura 2 apresenta as coordenadas das variáveis que apresentam diferenças significativas. Assim, a primeira dimensão (Tranquilidade- Bulício) diferencia significativamente os indivíduos com alta e baixa identidade associada ao lugar ($F(1,102) = 5,25, p=.02$), os indivíduos que se referem a vilas/aldeias dos que se referem a cidades ($F(2,102)= 6,73, p=.002$), e ainda, os que actualmente não residem na sua terra dos que presentemente o fazem ($F(1,100)= 13,86, p=.000$). A segunda dimensão (Prática/Instrumental- Estética) apenas

³ IF= Infra-Estrutura; Suf.= Suficiente; Insuf.= Insuficiente; Av.Pos.= Avaliação Positiva; Qual.= Qualidade; OP.= Oportunidade.

diferencia significativamente os indivíduos que actualmente não residem na sua terra dos que presentemente o fazem ($F(1,102)=11,92$, $p=.001$), não se verificando diferenças entre indivíduos que se referem a cidades, vilas e aldeias ($F(2,102)=6,73$, n.s.) nem entre indivíduos com alta e baixa identidade associada ao lugar ($F(1,102)=2,24$, n.s.). Não foram encontradas diferenças significativas no que se refere ao sexo dos sujeitos em nenhuma das dimensões ($F(1,99)= 2,27$, n.s. e $F(1,99)= 0,92$, n.s., respectivamente).

Em suma, são os indivíduos que (a) vivem presentemente nas suas terras, (b) referem-se a cidades, (c) e apresentam uma menor identidade associada ao lugar que consideram que a sua terra apresenta mais características associadas ao bulício e à poluição, por oposição aos sujeitos que (d) não vivem presentemente nas suas terras, (e) referem-se a aldeias, e (f) apresentam uma maior identidade associada ao lugar, que consideram que a sua terra é mais tranquila. Para além disso, são também os indivíduos que presentemente vivem nas suas terras que estão mais atentos às questões práticas e funcionais da localidade, relacionadas com a vida quotidiana, por oposição aos sujeitos que presentemente não vivem nas suas terras, que possuem uma representação essencialmente estética da localidade, assente nomeadamente na beleza da paisagem e na riqueza do património histórico, consequência provável do distanciamento da realidade quotidiana local e da elaboração de uma visão romanceada da localidade.

Figura 2 – Representação gráfica das características dos sujeitos nas dimensões da Homals



Analisando conjuntamente as figuras 1 e 2, e tendo em conta a dimensão da localidade, observa-se que as aldeias estão posicionadas no Quadrante 2 (Tranquilidade-Visão Estética), as vilas no Quadrante 1 (Tranquilidade-Visão Prática/Instrumental) e as cidades no Quadrante 3 (Bulício- Visão Prática/Instrumental), o que corresponde amplamente à representação geralmente partilhada pelo senso comum acerca destes locais. As aldeias surgem então como os locais onde a tranquilidade, a proximidade com natureza e os aspectos sociais da vida em comunidade assumem maior destaque, face à menor oferta de serviços e de infra-estruturas locais. As cidades, por seu turno, são representadas como um meio agitado e poluído em que a maior oferta de serviços e de infra-estruturas coexiste com problemas ambientais e sociais. As vilas surgem, de certa forma, como ponte entre estes dois tipos de localidade, apresentando a tranquilidade, o espírito de comunidade e a segurança como principais características positivas, embora sejam salientes para os seus habitantes as limitações existentes a nível de infra-estruturas e serviços locais.

Conclusões

O presente estudo assumiu uma natureza qualitativa exploratória e teve como principal objectivo identificar os conteúdos identitários subjacentes à identidade associada ao lugar. A análise dos mesmos teve em linha conta a dimensão da localidade e o grau de identidade reportado pelos sujeitos. Foi também analisada a existência de diferenças entre o grau de identidade dos indivíduos em função da dimensão da localidade, não se tendo encontrado a este nível diferenças significativas.

Os resultados obtidos demonstram que os sujeitos atendem a diversos aspectos do seu ambiente urbano para o caracterizar, nomeadamente a características da vida social, dos habitantes, do património histórico-cultural, do património natural, do ambiente físico e social, e ainda a aspectos económicos, sócio-demográficos e outros relacionados com as infra-estruturas e serviços locais. Muitas das categorias expressas pelos sujeitos neste estudo são semelhantes às dimensões de avaliação da qualidade residencial utilizadas por Bonaiuto e colaboradores (1999) e aos significados dos lugares atribuídos pelos sujeitos de Gustafson (2001), embora obedeçam a uma estruturação, por vezes, diferente. Neste sentido, as categorias incluídas: (a) na dimensão infra-estruturas e serviços locais (e.g. serviços médicos e educativos), (b) nas dimensões social (e.g. raízes, privacidade, redes sociais) e características dos habitantes (e.g. simpatia, mentalidade aberta ou fechada), (c) na dimensão relativa à caracterização do ambiente físico e social (e.g. tranquilidade, poluição), e (d) património histórico-cultural (e.g. património arquitectónico, monumentos) e natural (e.g. espaços verdes, beleza da paisagem) têm correspondência com as dimensões utilizadas por Bonaiuto e colaboradores (1999) para avaliar a qualidade residencial percebida pelos habitantes de Roma, designadamente (a) serviços, (b) relações sociais, (c) características do contexto e (d) arquitectura e planeamento. Da mesma forma, os resultados do presente estudo revelam que os motivos mais frequentemente apontados pelos sujeitos como factores de

ligação ao lugar são a existência de raízes e redes sociais, bem como o facto de considerarem o lugar tranquilo e bonito, o que vai no sentido dos resultados encontrados por Bonaiuto e colegas que apontam para uma maior importância dos aspectos sociais e de contexto, comparativamente com as características arquitectónicas e os serviços locais, sobre a ligação ao lugar. No que concerne ao estudo de Gustafson (2001) as semelhanças nos conteúdos ou significados identificados são também visíveis. Categorias como a existência de raízes estão presentes entre os temas mapeados em torno do pólo Eu; outras como aquelas referentes às características dos habitantes, como a simpatia, estão presentes entre os temas mapeados em torno do pólo Outros; e categorias como o clima, a poluição, a centralidade fazem parte dos temas mapeados em torno do pólo Ambiente. Muitas das categorias extraídas da análise de conteúdo realizada encontram-se também entre os temas mapeados em torno de mais do que um destes pólos. Refira-se a título ilustrativo, apenas a categoria espírito de comunidade situada entre os pólos Eu e Outros. No seu conjunto, a existência de similaridades entre os conteúdos identificados no presente estudo, os de Bonaiuto e colaboradores (1999) e os de Gustafson (2001) apontam para a existência de constância nas características e dimensões com base nas quais as pessoas avaliam e edificam a sua identidade associada ao lugar.

Os resultados obtidos neste estudo revelam, ainda, que a multiplicidade de categorias identificadas através da análise de conteúdo se associam com base em duas dimensões, que se designaram de Tranquilidade- Bulício (opõe uma representação da localidade assente na tranquilidade a uma representação associada ao bulício e à poluição ambiental) e Prática/ Instrumental – Estética (opõe uma representação assente essencialmente na caracterização das infra-estruturas e serviços locais indispensáveis ao dia-a-dia a uma representação assente na beleza da paisagem e na riqueza do passado histórico). A associação destas dimensões à própria dimensão das localidades revela que são as pessoas que se identificam com cidades que se encontram mais atentas às questões práticas e funcionais, utilizando mais elementos

deste nível para caracterizar as suas terras do que aquelas que se identificam com vilas e aldeias. No seu conjunto, os sujeitos possuem representações diferentes de cidades, vilas e aldeias assentes em categorias distintas, representações essas que correspondem em larga medida aquelas que são geralmente essas partilhadas pelo senso comum. Assim, as aldeias são representadas como lugares tranquilos, próximos da natureza, nos quais os aspectos sociais e comunitários assumem maior destaque. As cidades, pelo contrário, são representadas como meios agitados e poluídos em que a maior oferta de serviços e infra-estruturas locais coexiste com problemas sociais e ambientais. As vilas surgem como lugares intermédios, como uma ponte entre os dois mundos, apresentando a tranquilidade, o espírito de comunidade e a segurança como principais atractivos, e limitações a nível das infra-estruturas e serviços locais como aspectos a melhorar. Em nosso entender, estes resultados vão no sentido da tendência identificada por Gustafson (2001) para se atribuírem significados diferentes aos lugares em função da sua dimensão. Tal como sugerido pelo autor, as características atribuídas aos lugares de maior dimensão, neste estudo às cidades, têm essencialmente a ver com aspectos em que o indivíduo não controla ou não intervém directamente, como é o caso dos diversos serviços e infra-estruturas existentes, a poluição e a insegurança (pólo Ambiente), enquanto que as características atribuídas aos lugares de menor dimensão, neste estudo às aldeias, encontram-se mais fortemente relacionadas com aspectos em que o indivíduo participa e tem uma intervenção directa, como é o caso das redes sociais, da privacidade e do espírito de comunidade (pólos Eu, Eu e Outros). No caso das vilas essa atribuição não é tão linear, sendo atribuídos significados de todos os pólos. O facto das representações dos três tipos de localidades englobarem tanto aspectos positivos como negativos, mas não se encontrarem diferenças significativas no que toca à identidade associada ao lugar que permanece bastante elevada ao longo da amostra, leva a que se interprete os mesmos de acordo com Fried (1982, 2000). Segundo o autor, a maioria das

peças tem uma visão positiva dos locais em que vive porque se habitua ou se torna insensível às fontes de insatisfação com o continuar da vivência no lugar. Saliente-se que não é uma questão de ficar “cego à realidade” (a atribuição de características negativas os lugares assim o comprova), mas de minimizar os aspectos negativos e valorizar os positivos, por forma a apreciar favoravelmente o lugar de residência. Existe paralelamente um conjunto de estratégias que permite moderar o impacto das fontes de insatisfação, como seja mudar as condições da residência ou escolher as pessoas com quem se pretende interagir. Estes processos de *coping* e adaptação ao meio residencial são bastante importantes, atendendo nomeadamente ao facto da escolha do lugar de residência ser na maioria das vezes condicionada por factores económicos e sociais que limitam a mobilidade residencial dos indivíduos, e a incongruência ou insatisfação com o lugar de residência se poder traduzir em problemas de saúde e bem estar psicológico (Stokols e Shumaker, 1985).

Outro aspecto interessante dos resultados obtidos neste primeiro estudo resulta da associação das características dos sujeitos às dimensões que estruturam o conjunto global das categorias identificadas. Em relação à dimensão Tranquilidade- Bulício, verifica-se que são os sujeitos que vivem presentemente nas suas terras e também aqueles que apresentam uma menor identidade associada ao lugar que consideram que as mesmas são mais poluídas e agitadas, por oposição aos sujeitos que presentemente não vivem nas suas terras e aos sujeitos com elevada identidade associada ao lugar que caracterizam as suas terras como mais tranquilas. No que respeita à dimensão Prática/ Instrumental- Estética, constata-se que são os sujeitos que presentemente vivem nas suas terras que estão mais atentos às questões práticas e funcionais, por oposição aqueles que não vivem nas mesmas e que as caracterizam com base na beleza da paisagem e na sua riqueza histórica. Estes resultados sugerem que o facto das pessoas viverem ou não na localidade que consideram ser a sua terra traduz-se numa avaliação qualitativamente diferente da mesma. As que vivem na sua terra estão mais atentas aspectos

específicos da sua experiência directa com o meio (e.g. poluição, serviços existentes), enquanto que as que não residem nas suas terras as avaliam com base em aspectos ou atributos gerais do lugar recorrendo às memórias que possuem do mesmo (e.g. beleza, património histórico). Futuramente, será importante desenvolver uma investigação centrada neste domínio afim de apurar concretamente qual influência desta variável sobre a avaliação dos lugares e sobre o desenvolvimento da identidade associada ao mesmos.

Não obstante o interesse e relativa abrangência dos resultados obtidos neste primeiro estudo, os mesmos deverão ser interpretados e transferidos com alguma moderação para outros grupos, uma vez que a literatura indica que a identidade associada ao lugar não é apenas um produto das características do lugar mas também das características das pessoas e da sua relação com o meio (Cuba e Hummon, 1993). A existência de correspondência entre as categorias identificadas neste estudo e as reportadas por outros autores (e.g. Bonaiuto et al., 1999; Gustafson, 2001) fornece todavia algumas garantias relativamente ao seu valor. Não obstante, as categorias identificadas poderão não cobrir a totalidade dos conteúdos identitários existentes e reflectir as preocupações e interesses deste grupo, marcadamente jovem, escolarizado e de sexo maioritariamente feminino. Refira-se, por exemplo, que as infra-estruturas e serviços locais ligados ao apoio à terceira idade não foram referidas pela amostra, apesar da importância que assumem num país com tão grande número de idosos. De forma a salvaguardar esta questão pretende-se num alargamento futuro deste projecto proceder à replicação do estudo junto de uma amostra tanto quanto possível representativa da população portuguesa.

ESTUDO 2

Objectivos

Partindo da análise da estrutura dos conteúdos identitários, avaliados com base na aplicação de uma escala construída a partir dos resultados do estudo anterior a uma amostra de residentes na área do Grande Porto, o presente estudo teve como objectivos:

1. Analisar a estrutura factorial dos conteúdos identitários;
2. Analisar em que medida o grau de identidade associada ao lugar difere em função da dimensão da localidade em que os indivíduos residem;
3. Analisar em que medida os conteúdos identitários diferem em função da força da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade em que os indivíduos residem;
4. Analisar em que medida a qualidade ambiental percebida é influenciada pela força da identidade associada ao lugar e pela dimensão da localidade em que os indivíduos residem;
5. Analisar em que medida o grau de identidade associada ao lugar e os diferentes conteúdos identitários se encontram relacionados com a percepção da qualidade ambiental local. Face aos resultados de Lalli (1988) e Bonaiuto et al. (1996), que revelam a existência de uma relação positiva entre o grau de identidade dos sujeitos e a qualidade ambiental percebida, e especificamente quanto à relação entre identidade associada ao lugar e percepção de qualidade ambiental, estabeleceu-se a seguinte hipótese:

H1: Existe uma relação positiva entre o grau de identidade associada ao lugar e a qualidade ambiental percebida, no sentido em que quanto maior for a identidade associada ao lugar reportada pelo sujeito maior será a qualidade percebida do ambiente local.

6. Analisar em que medida conteúdos identitários diferem na sua capacidade de prever a qualidade ambiental percebida de indivíduos com diferentes níveis de identidade associada ao lugar.

Dada a inexistência de suporte teórico-empírico, não se estabelecem neste projecto outras hipóteses, assumindo o mesmo um carácter essencialmente exploratório apenas orientado pelos objectivos propostos.

Método

Sujeitos

Este estudo foi realizado no âmbito da monitorização dos impactes psicossociais da construção e funcionamento da incineradora LIPOR II, na região do Porto.

A recolha de dados realizou-se em Julho de 2002, tendo por base a entrevista directa a 300 indivíduos de ambos os sexos, com mais de 18 anos, residentes nos concelhos do Porto (Freguesias de Aldoar, Foz, Paranhos e Ramal), Maia (Freguesia de Moreira: lugares de Sendal, Monte das Pedras e Crestins; Freguesia da Maia) e Matosinhos (Freguesia de Leça do Bailio: lugares de Araújo e Custió; Freguesia de Custóias: lugares de Santiago de Custóias e Esposade; Freguesia de Senhora da Hora). De referir que, na zona em que este estudo foi realizado se assiste a um forte crescimento urbano e industrial, dado nomeadamente a sua proximidade ao aeroporto internacional das Pedras Rubras. Os lugares e localidades mais pequenas apanhadas no meio do processo de crescimento urbano da cidade do Porto e das cidades em redor, nomeadamente Maia e Matosinhos, bem como pelo desenvolvimento industrial na zona desenvolveram consequentemente características muito próprias, distintas daquelas que tradicionalmente se associam aos lugares dessa dimensão.

As tabelas 3 e 4 sumarizam as características sócio-demográficas da população e da amostra deste estudo, respectivamente. Conforme se observa, os sujeitos possuem idades compreendidas entre os 18 e os 86 anos, oscilando a média de idades por localidade entre os 45 e os 56 anos. Verifica-se que a maioria dos sujeitos residem na localidade há bastante

tempo, oscilando as médias por localidade entre os 16 e os 43 anos. O nível de instrução da amostra é baixo, tendo sensivelmente metade da mesma frequentado a escola apenas até à 4.^a classe.

Tabela 3. Características sócio-demográficas da população por localidade⁴

Localidade	População	% Homens
Sendal	205	46.8
Crestins	569	47.8
Monte das Pedras	471	48.4
Esposade	2357	60.0
Araújo	1123	49.1
Custió	1034	48.5
Maia	16535	48.3
Senhora da Hora	19608	47.5
Santiago de Custóias	4699	58.0
Porto - Paranhos	53022	47.0
Porto – Ramalde	36517	46.2
Porto – Aldoar	15030	47.5
Porto - Foz	12523	46.7

Tabela 4. Características sócio-demográficas da amostra por localidade

Localidade	N	%	Idade		Anos de Residência		Escolaridade
			Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	% até 4. ^a classe
Sendal	16	31,3	53,7	13,5	40,0	15,4	81,3
Crestins	39	53,8	47,1	15,6	32,2	16,0	51,3
Monte das Pedras	13	46,2	49,5	15,9	38,8	17,5	53,8
Esposade	16	43,8	45,3	22,2	25,7	16,5	50,0
Araújo	28	66,7	51,1	17,2	41,3	17,0	55,6
Custió	22	40,9	48,8	17,6	33,9	20,6	50,0
Maia	45	53,3	46,9	16,4	21,0	11,2	55,6
Sr. ^a da Hora	28	57,1	52,9	16,2	37,5	18,8	53,6
Santiago de Custóias	21	52,4	46,8	18,6	16,2	8,3	30,0
Porto - Paranhos	21	57,1	56,1	19,9	43,7	14,5	42,9
Porto – Ramalde	23	52,2	50,3	19,1	29,3	14,9	43,5
Porto – Aldoar	16	50,0	56,3	20,3	35,6	17,6	43,5
Porto - Foz	22	45,5	51,9	20,7	42,6	22,2	45,5
Total	300	51,0	50,0	17,9	32,4	17,9	51,5

Tendo como critério o número de habitantes de cada localidade constituíram-se três grupos de localidades, que se designaram de: (a) pequena dimensão, que integra as aldeias de Sendal, Crestins, Monte das Pedras, Esposade, Araújo e Custió; (b) média dimensão, que integra localidades de Senhora da Hora, Maia e Santiago de Custóias; e (c) grande dimensão, que integra as quatro freguesias da cidade do Porto. Na tabela 5 apresentam-se as características sócio-demográficas dos grupos constituídos. De referir que existem diferenças significativas entre os grupos no que respeita à antiguidade de residência no lugar. Em média, os sujeitos que residem nas localidades de média dimensão fazem-no há significativamente menos tempo ($F(2,299)= 14,13, p<.000$) que os residentes nas localidades aldeias e no Porto. Uma vez que na literatura existem indícios de que a antiguidade de residência num lugar se encontra relacionada positivamente com a identidade associada ao lugar (e.g. Bonaiuto et al.,1999; Hidalgo e Hernández, 2001), controlou-se posteriormente o efeito desta variável durante a análise de dados.

Tabela 5. Características sócio-demográficas dos grupos constituídos

Dimensão da localidade	N	%	Idade		Anos de Residência		Escolaridade
			Média	Desvio Padrão	Média ^(*)	Desvio Padrão	% até 4. ^a classe
Pequena	124	48,4	48,9	17,1	34,7a	17,6	55,6
Média	94	54,3	48,7	16,9	24,8b	15,8	49,5
Grande	82	51,2	53,4	19,9	37,8a	17,0	47,6
Total	300	51,0	50,0	17,9	32,4	17,9	51,5

^(*) $F(2,299)= 14,13, p<.000$.

⁴ Em virtude dos dados dos Censos 2001 por lugar não estarem à data disponíveis, utilizaram-se os dados resultantes dos Censos 1991, embora se coloque a hipótese de estarem bastante desactualizados em função do crescimento urbano que se assistiu nos últimos anos na zona em questão.

Instrumento e Procedimento

Os dados foram recolhidos utilizando a técnica de entrevista directa e pessoal, conduzida na residência dos participantes, mediante um questionário estruturado que inclui as seguintes medidas:

Conteúdos Identitários. Introduziu-se um conjunto de 38 itens construídos a partir das categorias obtidas no Estudo 1, solicitando-se aos sujeitos que, pensando no lugar em que vivem, indicassem o seu grau de acordo relativamente aos mesmos. A resposta aos itens foi dada numa escala de cinco pontos que varia entre 1 (discorda totalmente) e 5 (concorda totalmente). Oito dos itens referem-se a aspectos sociais (e.g. “é onde tenho a minha família”, “é um local onde a maioria das pessoas se conhece”), dois itens estão relacionados com características dos habitantes (e.g. “é um local onde vivem pessoas simpáticas”, “é um local onde vivem pessoas pacatas”), quatro itens estão relacionados com a riqueza histórico-cultural da localidade (e.g. “ é um lugar culturalmente rico”, “é um local onde ainda se mantêm vivas as tradições”), três itens estão relacionados com o património natural da localidade (e.g. “é um local rodeado de paisagens bonitas”, “é um local onde existem jardins e parques em número suficiente”), cinco itens estão relacionados com o ambiente físico e social da localidade (e.g. “ é um local muito poluído”, “é um local agitado e com vida”, “é um local agradável para se viver”), dois itens referem-se a aspectos relacionados com a caracterização sócio-demográfica da localidade (e.g. “é um local onde existem problemas sociais”, “é um local inseguro”), um item está relacionado com a caracterização económica da localidade (e.g. “é um local onde existem poucas oportunidades de emprego”), e os 13 itens remanescentes prendem-se com infra-estruturas e serviços locais (e.g. “é um local onde existem os serviços essenciais para o dia-a-dia”, “é um local onde existem instalações adequadas para praticar desporto”, “é um local com muito trânsito”, “é um local onde se realizam espectáculos com frequência”). De referir que foi introduzido um item relativo às infra-estruturas e serviços de apoio ao idoso,

que se considerou pertinente face às características etárias da presente amostra e que não tinha sido apurado no Estudo 1.

Identidade associada ao lugar. De forma a poder quantificar o grau de identidade associada ao lugar dos sujeitos, utilizou-se uma medida semelhante à aplicada no Estudo 1, composta por dois itens (“sinto que pertenço a este local”, “sinto-me orgulhoso por pertencer a esse local”), que apresenta uma boa consistência interna ($\alpha=.79$). A resposta aos itens é dada numa escala de cinco pontos, que varia entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente), e o resultado da escala é dado pela média dos 2 itens.

Qualidade Ambiental Percebida. Para avaliar a qualidade ambiental percebida pelos sujeitos utilizou-se a escala de Lima e Palma-Oliveira (2001) composta por 10 itens (e.g. “acho que o ar nesta zona é mau para a saúde”, “esta zona é tranquila, tem pouco barulho”, “nesta zona há muitos ratos”), cuja consistência interna para a presente amostra é de .84. A resposta aos itens é dada numa escala de cinco pontos, que varia entre 1 (discorda totalmente) a 5 (concorda totalmente), sendo o resultado da escala dado pela média dos itens após se inverter os itens negativos. Consequentemente, a maiores níveis de concordância com a escala correspondem maiores níveis de qualidade ambiental percebida.

Caracterização Sócio-demográfica. Recolheu-se informação acerca da idade, sexo, nível de instrução completa, e anos de residência no local.

Resultados

Os dados recolhidos foram analisados com recurso à estatística descritiva univariada (percentagem, média e desvio-padrão), bivariada (correlação de Pearson) e multivariada (análise factorial), bem como à estatística indutiva (análise de variância, regressão).

Os resultados são reportados segundo a ordem dos objectivos previamente estabelecidos. Assim, apresentam-se primeiramente os resultados atinentes à estrutura factorial dos conteúdos identitários. Seguidamente, os resultados respeitantes à identidade associada ao lugar e à sua análise em função da dimensão da localidade, e os resultados respeitantes à análise das dimensões de conteúdos identitários em função da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade. Registam-se os resultados concernentes à percepção de qualidade ambiental, analisando-a em função da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade. Por fim, expõem-se os resultados da relação entre a percepção de qualidade ambiental, identidade associada ao lugar e dimensões de conteúdos identitários, bem como os resultados relativos ao valor preditivo destes mesmos conteúdos sobre a qualidade ambiental percebida por indivíduos com diferentes graus de identidade.

Estrutura factorial dos conteúdos identitários

A análise de frequências dos itens, prévia à realização da análise factorial, determinou a eliminação de sete itens das análises posteriores em virtude de apresentarem mais de 80% de concordância e se revelarem conseqüentemente pouco discriminativos (“é um local onde vivo há muito tempo”, “é um local bem situado, perto de tudo”, “é um local onde a maioria das pessoas se conhece”, “é um local onde vivem pessoas simpáticas”, “é um local onde tenho as minhas raízes”, “é um local onde tenho a minha família”, “é um lugar com bons acessos”). De salientar o facto de cinco dos mesmos dizerem respeito a aspectos sociais,

demonstrando a existência de um grande consenso relativamente à existência de redes sociais no lugar.

Os restantes 31 itens foram submetidos a uma análise factorial em componentes principais, com rotação varimax, que convergiu numa solução ao fim de seis iterações. Foram eliminados 10 itens por apresentarem pesos factoriais baixos ($<.40$) ou por contribuírem para a explicação de dois ou mais factores (“é um local com poucos sítios para estacionar”, “é um local servido por uma boa rede de transportes”, “é um local agitado e com vida”, “é um local tranquilo”, “é um local onde vivem pessoas pacatas”, “é um local muito poluído”, “é um local com interesse turístico”, “é um local rico em monumentos”, “é um local culturalmente rico”, “é um local com sítios onde se podem passar os tempos livres”).

A tabela 6 apresenta os resultados finais. Foram extraídos cinco factores que explicam no seu conjunto 70,62% da variação existente. O factor 1, designado de Dimensão Instrumental, inclui oito itens relativos às infra-estruturas e serviços locais, ofertas culturais e de lazer e oportunidades de emprego e explica 25,04% da variação. O factor 2, designado de Dimensão Estética, é composto por quatro itens relativos ao património natural e à avaliação positiva da localidade e explica 15,24% da variação. O factor 3, designado de Dimensão Histórico-cultural agrega três itens relativos ao sentido de comunidade e riqueza histórico-cultural da localidade, explicando 11,15% da variação. O factor 4, designado de Resposta a Resposta a Necessidades Básicas, agrega três itens relativos às redes sociais, privacidade e existência de serviços essenciais, explicando 10,20% da variação. Por fim, o factor 5, designado de Problemas Ambientais e Sociais, reúne três itens relacionados com problemas ambientais e sociais e explica 8,99% da variação. Os factores apresentam os seguintes valores de consistência interna (alfa de Cronbach): .86, .89, .77, .64 e .60, respectivamente.

Tabela 6. Estrutura factorial dos conteúdos identitários (rotação varimax)

	Factor 1 Dimensão Instrumental	Factor 2 Dimensão Estética	Factor 3 Dimensão Histórico- Cultural	Factor 4 Resposta a Necessidades Básicas	Factor 5 Problemas Ambientais e Sociais
É um local onde existem instalações adequadas para praticar desporto.	0,86				
... onde existem jardins e parques em número suficiente.	0,82	0,31			
...com jardins de infância, escolas e outras instituições de ensino em número suficiente.	0,81				
...onde existem cuidados e serviços médicos adequados.	0,77				
...onde existem actividades e ocupações para o fim de semana.	0,77	0,37			
...onde se realizam espectáculos com frequência.	0,76	0,40			
...onde existem poucas oportunidades de emprego.	-0,61				
É um local bonito.		0,83			
...rodeado de paisagens bonitas.		0,77	0,40		
...onde nos sentimos perto da natureza.		0,74	0,42		
...agradável para viver.		0,69		0,32	
...onde ainda se mantêm vivas tradições antigas.			0,81		
...onde a população é unida.			0,70	0,37	
...com um passado histórico interessante.	0,39		0,69		
...onde tenho as minhas amizades, os meus amigos.				0,82	
...onde existem os serviços essenciais para o dia-a-dia.		0,31		0,71	
...onde não temos privacidade porque as pessoas se intrometem na vida dos outros.				-0,66	
...onde existem problemas sociais.					0,82
É um local com muito trânsito.					0,70
É um local inseguro.				-0,35	0,56
Alfa	.86	.89	.77	.64	.60
% Variância explicada	25,04%	15,24%	11,15%	10,20%	08,99%
% Variância explicada total:	70,62%				

Identidade associada ao lugar: diferenças em função da dimensão da localidade

No que se refere à força da identidade associada ao lugar, constata-se que, de uma forma geral, os sujeitos se apresentam bastante identificados com as suas localidades ($M=4,23$; $DP= 0,76$). Controlando o efeito dos anos de residência no local, através de uma análise de variância univariada, verifica-se que existem diferenças no grau de identificação dos sujeitos em função da dimensão da localidade onde residem ($F(2,300)=3,24$, $p<.05$). Assim, embora todos se identifiquem bastante com os lugares onde residem, os sujeitos que vivem em localidades pequenas e médias identificam-se ainda mais com a sua localidade do que os que vivem no Porto ($M= 4,31$ e $M=4,25$ vs. $M= 4,09$, respectivamente).

Conteúdos identitários: diferenças em função do grau de identidade associada ao lugar

De forma a se poder analisar a existência de diferenças nos conteúdos identitários em função do grau de identidade associada ao lugar dos sujeitos, constituíram-se com base na média da amostra, dois grupos que se designaram de baixa (45,7%) e alta identidade associada ao lugar (54,3%).

A realização de análises de variância univariadas para cada um dos conteúdos identitários, controlando o efeito dos anos de residência no lugar, revela a existência de diferenças significativas nos níveis de concordância com os mesmos (tabela 7). Assim, os indivíduos mais identificados mostram-se mais concordantes relativamente à dimensão instrumental ($F(1,273)= 20,94$, $p<.000$), dimensão estética ($F(1,273)= 50,31$, $p<.000$), dimensão histórico-cultural ($F(1,273)= 25,39$, $p<.000$) e dimensão resposta a necessidades básicas ($F(1,273)= 67,01$, $p<.000$) do que os menos identificados. Relativamente à dimensão problemas ambientais e sociais, que reúne características marcadamente negativas do lugar, são os sujeitos menos identificados que revelam um nível mais elevado de concordância comparativamente com os mais identificados ($F(1,273)= 11,95$, $p<.001$). Estes resultados

sugerem que os sujeitos mais identificados com a localidade em que residem percebem a mesma de forma, globalmente, mais positiva do que os menos identificados, maximizando as características positivas e minimizando as características negativas quando comparados com os sujeitos menos identificados, que apresentam o comportamento inverso.

Tabela 7. Diferenças nos conteúdos identitários em função do grau de identidade associada ao lugar

	Baixa Identidade		Alta Identidade		Total da Amostra	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Dimensão Instrumental	2,88	0,78	3,30*	0,80	3,08	0,81
Dimensão Estética	3,47	0,93	4,19*	0,70	3,80	0,90
Dimensão Histórico-cultural	3,42	0,82	3,92*	0,72	3,65	0,78
Resposta a Necessidades Básicas	3,51	0,71	4,20*	0,70	3,82	0,83
Problemas Ambientais e Sociais	3,23	0,78	2,89**	0,84	3,08	0,71

* $p < .000$; ** $p < .05$.

Conteúdos Identitários: diferenças em função da dimensão da localidade

A realização de análises de variância para cada um dos conteúdos identitários em função da dimensão da localidade de residência, revela a existência de diferenças significativas na forma como os sujeitos utilizam os conteúdos para avaliarem as suas localidades, conforme se observa na tabela 8.

Relativamente às dimensões instrumental e estética, verifica-se que, em termos gerais, os sujeitos consideram que as localidades onde vivem oferecem genericamente razoáveis oportunidades de emprego e boas infra-estruturas e serviços locais ($M = 3,08$; $DP = 0,81$) e são locais bonitos e agradáveis para se viver ($M = 3,80$; $DP = 0,90$). Não obstante, os sujeitos residentes na Maia, Senhora da Hora e Santiago de Custóias, localidades de média dimensão, atribuem, por um lado, uma ainda maior instrumentalidade à sua localidade, mostrando-se mais satisfeitos com as oportunidades de emprego e com as várias infra-estruturas e serviços disponíveis, e por outro, percebem as suas localidades como mais

belas e agradáveis do que os restantes sujeitos ($F(2,272)= 62,21$, $p<.000$; e ($F(2,272)= 8,18$, $p<.000$, respectivamente). A realização de correlações de Pearson entre as variáveis revela a existência de uma relação não significativa entre as mesmas (funcional: $r=.08$, n.s.; estética: $-.06$, n.s.).

No que respeita às dimensões histórico-cultural e resposta a necessidades básicas, observa-se que, na globalidade, os sujeitos consideram igualmente que nas suas terras a população é unida e preserva a riqueza das tradições e do passado histórico ($M=3,65$; $DP=0,81$) e que são locais onde têm os seus amigos, privacidade e os serviços essenciais ao dia a dia ($M= 3,82$; $DP= 0,78$). Mesmo assim, verificam-se diferenças significativas em função da dimensão da localidade, com os sujeitos residentes nas aldeias e nas localidades de média dimensão a fazer uma avaliação mais positiva das suas localidades nestas dimensões do que os sujeitos residentes na cidade do Porto ($F(2,272)= 7,69$, $p<.001$ e $F(2,272)= 24,47$, $p<.000$, respectivamente). O resultado da correlação de Pearson entre as variáveis revela a existência de uma relação negativa entre as mesmas (histórico- cultural: $r=-.15$, $p<.05$; resposta a necessidades básicas: $r=-.34$, $p<.01$).

Quanto à dimensão problemas ambientais e sociais, verifica-se que na globalidade os sujeitos consideram que existe insegurança, tráfego elevado e problemas sociais nas localidades onde vivem ($M= 3,08$; $DP= 0,83$). Todavia, a percepção de problemas ambientais e sociais parece aumentar com a dimensão da localidade, uma vez que todos os grupos apresentam diferenças significativas entre si nesta dimensão ($F(2,272)= 15,16$, $p <.000$). O resultado da correlação de Pearson entre as variáveis comprova a existência de uma associação positiva entre as mesmas ($r=.32$, $p<.01$). Os residentes nas aldeias são os que percebem a existência de menos problemas a este nível, seguidos dos residentes nas localidades médias e, finalmente, dos residentes do Porto, que são os que percebem a existência de mais problemas ambientais e sociais na sua zona de residência.

Tabela 8. Diferenças nos conteúdos identitários em função da dimensão da localidade

	Dimensão da Localidade							
	Pequenas		Médias		Grandes		Total da Amostra	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Dimensão Instrumental	2,76a	0,75	3,76b	0,52	2,79a *	0,69	3,08	0,81
Dimensão Estética	3,74a	0,96	4,10b	0,66	3,55a *	0,97	3,80	0,90
Dimensão Histórico-cultural	3,70a	0,85	3,84a	0,54	3,36b **	0,93	3,65	0,81
Resposta a Necessidades Básicas	4,02a	0,74	4,00a	0,75	3,32b *	0,66	3,82	0,78
Problemas Ambientais e Sociais	2,81a	0,86	3,11b	0,73	3,45c *	0,73	3,08	0,83

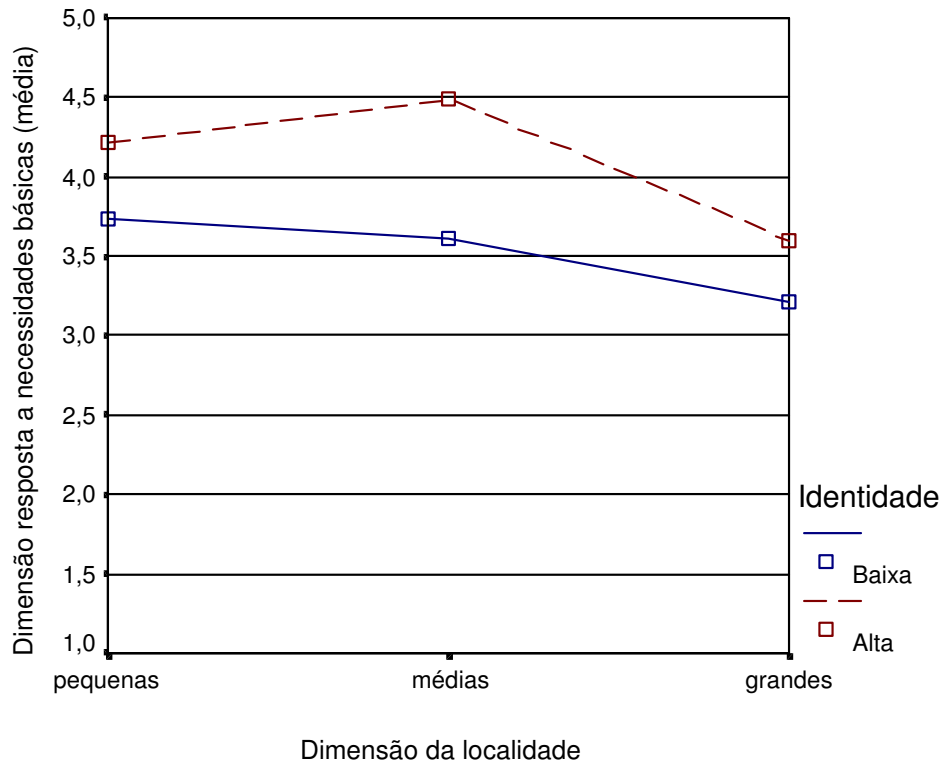
* $p < 0.000$; ** $p < 0.001$

Conteúdos identitários: efeito de interacção entre identidade associada ao lugar e dimensão da localidade

A análise dos efeitos de interacção entre identidade associada ao lugar e dimensão da localidade sobre os conteúdos identitários foi realizada mediante o cálculo de análises univariadas de variância para cada uma das dimensões identificadas.

Os resultados revelam apenas um efeito de interacção significativo na dimensão resposta a necessidades básicas ($F(2,272)=2,99$, $p < .05$). A figura 3 permite visualizar este resultado. A comparação dos níveis médios de concordância com a dimensão resposta a necessidades básicas apresentados pelos sujeitos com baixa identidade revela que existe uma diferença significativa entre os que habitam em localidades pequenas ($M=3,73$; $DP=0,77$) e médias ($M=3,61$; $DP=0,65$) e os que habitam no Porto ($M=3,22$; $DP=0,71$) ($F(2,147)=8,20$, $p < .000$), ocorrendo o mesmo entre os que apresentam alta identidade (pequenas: $M=4,22$; $DP=0,65$; médias: $M=4,49$; $DP=0,58$; Porto: $M=3,60$; $DP=0,73$; $F(2,124)=12,81$, $p < .000$). Assim, os sujeitos que habitam no Porto, independentemente do grau de identidade com a cidade, consideram que a mesma satisfaz menos as suas necessidades básicas do que os sujeitos que vivem nas localidades de pequena e média dimensão.

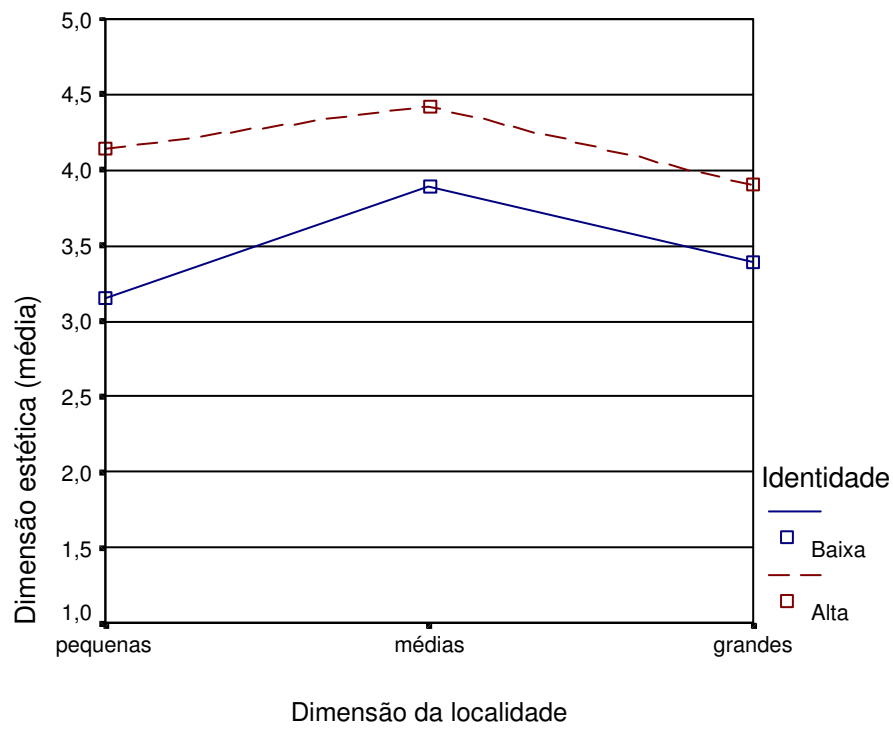
Figura 3. Efeito da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade sobre a Dimensão Resposta a Necessidades Básicas.



Os resultados revelam ainda a existência de um efeito de interação marginalmente significativo a .07 na dimensão estética ($F(2,272)=2,67, p<.07$) (figura 4). A comparação dos níveis médios de concordância com esta dimensão apresentados pelos sujeitos com baixa identificação revelam uma diferença significativa entre os que vivem nas localidades de média dimensão ($M=3,87; DP=0,55$) e os que vivem nas aldeias ($M=3,15; DP=0,97$) e no Porto ($M=3,39; DP=1,03$) ($F(2,174)=8,07, p.000$), sendo que os primeiros consideram a sua localidade como mais bonita que os restantes. Entre os sujeitos que reportam alta identidade, o efeito é apenas marginal ($F(2,124)=2,92, p<.06$) mas vai no mesmo sentido (médias: $M=4,39; DP=0,68$; pequenas: $M=4,16; DP=0,71$; Porto: $3,95; DP=0,65$). No seu conjunto estes resultados sugerem que, independentemente do grau de identidade manifestado, os

sujeitos que vivem nas localidades de média dimensão consideram os lugares onde vivem como mais bonitos e agradáveis, do que os restantes sujeitos.

Figura 4. Efeito da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade sobre a Dimensão Estética.



Qualidade ambiental percebida: diferenças em função da identidade associada ao lugar e dimensão da localidade

Constata-se que, de uma forma geral, os sujeitos consideram que os locais onde vivem apresentam uma razoável qualidade ambiental ($M = 3,06$; $DP = 0,71$). Para analisar o efeito da força da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade sobre a percepção de qualidade ambiental procedeu-se ao cálculo de análises de variância univariadas, controlando o efeito dos anos de residência no local. Os resultados indicam que ambas as variáveis exercem influência sobre a percepção da qualidade ambiental.

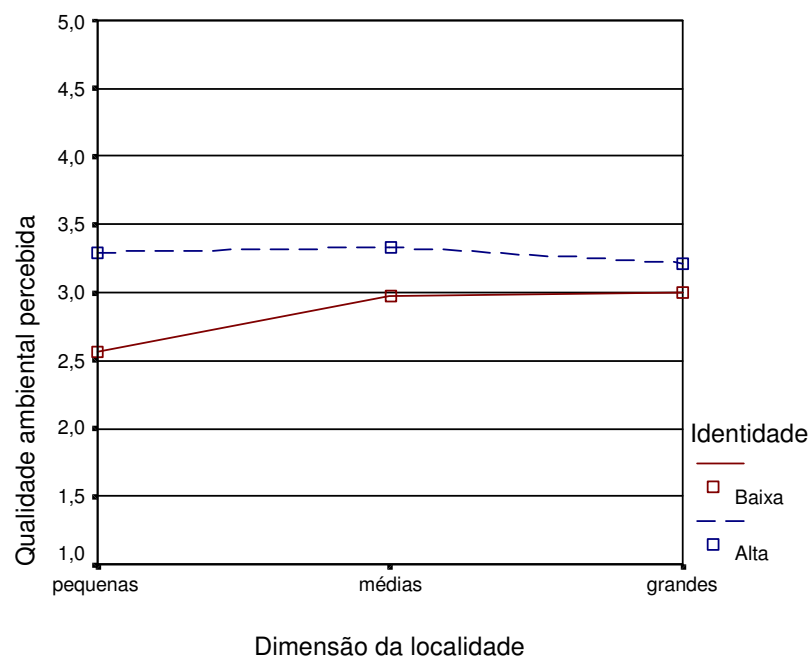
No que respeita à força da identidade local, verifica-se que os sujeitos mais identificados com as suas terras consideram que as mesmas apresentam uma melhor qualidade ambiental ($M = 3,29$; $DP = 0,69$) do que os sujeitos que menos se identificam com os lugares em que vivem ($M = 2,85$; $DP = 0,65$) ($F(2,1,299) = 28,68$, $p < .000$).

Relativamente às diferenças na percepção da qualidade ambiental em função da dimensão da localidade, constata-se que os sujeitos que vivem em localidades de média dimensão e no Porto consideram que a qualidade ambiental das suas terras é maior ($M = 3,14$; $DP = 0,73$ e $M = 3,07$; $DP = 0,60$, respectivamente) do que os sujeitos que residem nas localidades pequenas ($M = 3,00$; $DP = 0,76$) ($F(2,299) = 3,37$, $p < .05$).

Os resultados revelam também um efeito de interação sobre a percepção de qualidade ambiental ($F(2,299) = 3,95$, $p < .05$). A comparação dos níveis médios de qualidade ambiental percebida pelos sujeitos com baixa identidade revelam uma diferença significativa entre os que vivem nas aldeias ($M = 2,56$; $DP = 0,64$) e os que vivem nas localidades de média e grande dimensão ($M = 2,97$; $DP = 0,63$; e $M = 3,00$; $DP = 0,62$, respectivamente) ($F(2,156) = 7,91$, $p < .001$). Entre os sujeitos com alta identidade não se verificam diferenças na percepção da qualidade ambiental em função da localidade em que vivem ($F(2,142) = 0,25$, n.s.). Desta forma, a dimensão do lugar em que se vive parece só ter impacto sobre a qualidade ambiental

percebida por sujeitos que se identificam pouco com o lugar, não afectando os juízos daqueles que se identificam mais fortemente com a localidade onde vivem.

Figura 5. Efeito da identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade sobre a Qualidade Ambiental Percebida.



Relação entre identidade associada ao lugar, conteúdos identitários e qualidade ambiental percebida

Para testar a hipótese 1, segundo a qual se prevê a existência de uma relação positiva entre o grau de identidade associada ao lugar e a qualidade ambiental percebida, procedeu-se ao cálculo da correlação de Pearson entre as duas variáveis. O resultado deste teste revela a existência de uma associação positiva significativa entre as mesmas ($r=.29$, $p<.000$), indicando que quanto maior é a identificação com o lugar mais positiva é a percepção da

qualidade ambiental do mesmo. Este resultado é consistente com os resultados de Bonaiuto et al. (1996) e Lalli (1992) e apoia a hipótese inicialmente levantada.

Com vista à análise da relação existente entre os conteúdos identitários identificados e a qualidade ambiental percebida, procedeu-se igualmente ao cálculo de correlações de Pearson entre as variáveis. Os resultados da análise da correlação entre as dimensões de conteúdo identitário e a qualidade ambiental percebida revelaram igualmente associações significativas. A dimensão estética apresenta a mais forte correlação positiva com a qualidade ambiental percebida ($r=.60$, $p<.000$), pelo que quanto mais positivos são os juízos a nível estético maior é a percepção de qualidade ambiental, ou de outra forma, quanto mais o sujeito considera a sua terra bonita e agradável menos percebe problemas ambientais a vários níveis (e.g. sonoro, atmosférico). As restantes dimensões revelam igualmente uma correlação positiva com a qualidade ambiental percebida, indicando que quanto maior é a percepção de funcionalidade da localidade ($r=.52$), riqueza histórico-cultural atribuída ($r=.38$) e existência de resposta a necessidades básicas ($r=.19$) maior é a percepção de qualidade ambiental. A dimensão problemas ambientais e sociais, apresenta um comportamento inverso, isto é, uma relação negativa significativa com a percepção de qualidade ambiental ($r= -.45$), indicando que quanto maior é a percepção de problemas sociais e sobretudo ambientais menor é a percepção de qualidade ambiental pelos sujeitos. De relembrar que esta dimensão inclui itens relativos à insegurança, problemas sociais e tráfego elevado, sendo que este último pode ser visto como tendo uma relação directa com os níveis de poluição, por exemplo, sonora ou atmosférica da localidade. No seu conjunto são itens que veiculam uma imagem menos positiva da localidade, pelo que parece plausível que diminuam a percepção de qualidade do ambiente físico local. A tabela 9 resume os valores obtidos.

Tabela 9. Correlações entre identidade associada ao lugar, conteúdos identitários e qualidade ambiental percebida

	Qualidade Ambiental Percebida	
	r	p
Identidade Associada ao Lugar	.29	.000
Dimensão Instrumental	.52	.000
Dimensão Estética	.60	.000
Dimensão Histórico-Cultural	.38	.000
Dimensão Resposta a Necessidades Básicas	.19	.000
Dimensão Problemas Ambientais e Sociais	-.45	.000

Percepção de qualidade ambiental em indivíduos com diferente grau de identidade associada ao lugar: poder preditivo dos conteúdos identitários

Para testar o efeito preditivo dos conteúdos identitários relativamente à qualidade ambiental percebida por indivíduos com baixa e alta identidade associada ao lugar, efectuou-se uma análise regressão linear múltipla para cada um dos grupos, cujos resultados se apresentam na tabela 10.

Relativamente aos sujeitos com baixa identidade associada ao lugar, verifica-se que os conteúdos identitários contribuem com 49% para a explicação da variabilidade da qualidade ambiental percebida. A dimensão estética é a que revela maior contribuição ($\beta=0,54$, $p<.000$), seguindo-se das dimensões instrumental ($\beta=0,23$, $p<.001$), resposta a necessidades básicas ($\beta=-0,21$, $p<.001$) e problemas ambientais e sociais ($\beta=-0,17$, $p<.005$). Conclui-se, portanto, que a qualidade ambiental percebida é tanto maior quanto maior for a percepção de beleza e funcionalismo do lugar e menor a percepção de resposta a necessidades básicas e de existência de problemas ambientais e sociais. A percepção de riqueza histórico-cultural do lugar não contribui para a percepção da qualidade ambiental ($\beta=-0,07$, n.s.).

No que concerne aos sujeitos com alta identidade associada ao lugar, verifica-se que os conteúdos identitários contribuem com 38% para a explicação da variabilidade da qualidade ambiental percebida. Apenas duas das dimensões de conteúdos contribuem significativamente para a percepção de qualidade ambiental, nomeadamente as dimensões problemas ambientais e sociais ($\beta=-0,42$, $p<.000$) e instrumental ($\beta=0,29$, $p<.001$), sendo que a dimensão estética apresenta um contributo marginalmente significativo para a explicação da variabilidade da variável dependente ($\beta=0,17$, $p<.069$). Consequentemente, a qualidade ambiental percebida é tanto maior quanto mais os sujeitos consideram que os lugares onde vivem apresentam menos problemas ambientais e sociais e, por outro lado, mais os vêem como lugares dotados de infra-estruturas locais, ofertas culturais e de lazer e também de ofertas de emprego, isto é, quanto mais os percebem como lugares funcionais. As percepções da riqueza histórico- cultural ($\beta=-0,04$, n.s.) e da capacidade do lugar para responder às necessidades básicas dos sujeitos ($\beta=0,02$, n.s.) não contribuem para a percepção da qualidade ambiental.

Tabela 10. Regressão múltipla dos conteúdos identitários sobre a qualidade ambiental percebida por indivíduos com baixa e alta identidade associada ao lugar (método enter)

Conteúdos	Baixa Identidade ¹			Alta Identidade ²		
	β	T	Sig. T	β	T	Sig. T
Dimensão Instrumental	0,23	3,26	.001	0,29	3,55	.001
Dimensão Estética	0,54	6,76	.000	0,17	1,84	.069
Dimensão Histórico- Cultural	-0,07	-0,87	n.s.	-0,04	-0,51	n.s.
Resposta a Necessidades Básicas	-0,21	-3,48	.001	0,02	0,25	n.s.
Problemas Ambientais e Sociais	-0,17	-2,85	.005	-0,42	-5,56	.000

¹ R²Ajust.= 0,49; F(5, 147)=30,30, p<.000; ² R²Ajust.= 0,38; F(5, 124)=16,19, p<.000.

Conclusões

O presente estudo visou analisar a estrutura dos conteúdos subjacentes à identidade associada ao lugar de uma amostra de sujeitos residentes na área do Grande Porto, bem como estudar a influência do grau de identidade associada ao lugar e da dimensão da localidade sobre os mesmos. Para além disso, procurou analisar de que forma estas variáveis se relacionam com a percepção de qualidade ambiental, assumindo uma natureza correlacional e exploratória.

Relativamente à estrutura dos conteúdos identitários, os resultados demonstram que os mesmos são complexos e estão agrupados em cinco dimensões, nomeadamente: Dimensão Instrumental que reúne itens relativos a aspectos práticos do quotidiano; Dimensão Estética definida por itens relativos à beleza do lugar em geral e do seu património natural em particular; Dimensão Histórico-Cultural em que são agregados itens relativos quer ao sentido de comunidade quer à riqueza do passado histórico do lugar; Dimensão Resposta a Necessidades Básicas definida por itens que salientam aspectos centrais para a vivência do indivíduo como os amigos, a privacidade e a existência dos serviços essenciais; e por último, Dimensão Problemas Ambientais e Sociais que aponta para uma avaliação menos positiva do lugar reunindo itens relativos ao tráfego, insegurança e problemas sociais. Tal como ocorreu no Estudo 1, e em parte porque as categorias aqui utilizadas resultam do mesmo, as dimensões de conteúdo apuradas integram uma vez mais itens que correspondem aos utilizados por Bonaiuto et al. (1999) e aos significados dos lugares identificados por Gustafson (2001) (cf. conclusões do Estudo 1). Por outro lado, estes mesmos itens traduzem ideias presentes na proposta teórica de Breakwell (1986,1992,1993,2001). Verifica-se neste sentido que a Dimensão Instrumental reúne um conjunto de itens que se prende com questões de auto-eficácia, isto é, com questões relacionadas com a medida em que o lugar permite que os indivíduos levem a cabo as suas actividades diárias. O mesmo ocorre com a dimensão

Problemas Ambientais e Sociais, que reúne itens relativos ao tráfego, insegurança e existência de problemas sociais. De lembrar que itens desta natureza foram indicados pelos sujeitos entrevistados por Twigger-Ross e Uzzell (1996) no âmbito do estudo sobre identidade associada ao lugar numa zona submetida a mudanças sociais, económicas e ambientais como constrangimentos à sua relação com o ambiente. Por seu turno, as dimensões Estética e a Histórico-Cultural, parecem estar relacionados com as funções de distintividade, auto-estima e também continuidade, pois os itens que encerram constituem uma base para que os indivíduos distingam o lugar e a si próprios de outros (e.g. porque ainda mantêm tradições antigas), desenvolvam a sua auto-estima (e.g. porque vivem num local bonito) e adquiram um sentido de continuidade (e.g. porque vivem num local com um passado histórico interessante e ainda mantêm tradições antigas).

A forma como estas dimensões são utilizadas pelos sujeitos para caracterizar os lugares onde vivem é influenciada quer pela sua identidade com o lugar quer pela dimensão do mesmo. Os sujeitos mais identificados consideram que a sua localidade é significativamente mais funcional, mais bonita e agradável, possui uma maior riqueza histórico-cultural, satisfaz melhor as suas necessidades básicas e possui menos problemas ambientais e sociais do que os indivíduos que apresentam uma menor identidade. Tal sugere que o percebem de forma globalmente mais positiva do que os menos identificados, maximizando as características positivas e minimizando as negativas, ou por outras palavras, apresentam um enviesamento ou favoritismo pelo endogrupo (Tajfel, 1978, 1981; Tajfel e Turner, 1979; Turner, 1987), facto que pelo seu turno apoia a ideia de que o ambiente residencial é importante para a identidade e auto-estima dos indivíduos.

No que se refere à dimensão da localidade, consta-se que a mesma influencia a forma como os sujeitos caracterizam os lugares onde vivem mas não de uma forma linear, o que aponta para a importância que as próprias características dos lugares possuem a este nível. Os

resultados revelam então que sujeitos residentes nas localidades pequenas e no Porto consideram que o local onde vivem é menos bonito e funcional do que aqueles que vivem nas localidades de dimensão média; no que toca à riqueza histórico-cultural e à satisfação de necessidades básicas a clivagem verifica-se entre os habitantes de localidades pequenas e médias, por um lado, e do Porto, por outro, sendo que estes consideram que a sua cidade é menos rica a este nível; a forma como analisam a existência de problemas ambientais e sociais nas suas localidades leva à identificação de diferenças entre os três grupos, sendo que os sujeitos de localidades pequenas consideram existir menos problemas que os das localidades médias, e estes menos do que os do Porto. Este resultado tem por base a existência de uma relação positiva entre a percepção de problemas ambientais e sociais e a dimensão das localidades, convergindo para os resultados de estudos que revelam que a qualidade percebida dos ambientes urbanos decresce com o aumento do tamanho das localidades (e.g. Appelbaum, 1976, Dahnman, 1983, citados por Bonaiuto e Bonnes, 1996; Fried, 1982).

Para além de se verificarem efeitos principais da identidade associada ao lugar e da dimensão do lugar sobre os conteúdos identitários, constata-se também que estas variáveis interagem significativamente sobre a dimensão resposta a necessidades básicas e marginalmente sobre a dimensão estética. No primeiro caso, verifica-se que os juízos realizados acerca da capacidade de resposta da cidade do Porto às necessidades básicas dos sujeitos é sempre menor do que os dos restantes sujeitos, independentemente do nível de identidade associada ao lugar. Isto significa que as pessoas que aqui vivem, quer estejam muito ou pouco identificadas com o mesmo, consideram ter menos amigos, sentem a sua privacidade mais invadida e estão menos satisfeitos com os serviços essenciais disponibilizados na sua área de residência do que os restantes sujeitos. Se se tiver em conta apenas a questão da amizade e da privacidade, este resultado poderá ser interpretado eventualmente como um indicador de que as redes sociais de apoio são mais fracas neste

lugar. No segundo caso, os resultados sugerem que independentemente do nível de identidade associada ao lugar, os sujeitos que residem nas localidades de média dimensão consideram os lugares onde vivem como mais bonitos e agradáveis do que os restantes sujeitos.

Outro conjunto interessante de resultados obtidos por este estudo está relacionado com a análise da relação existente entre as variáveis anteriormente mencionadas e a percepção de qualidade ambiental. Note-se que neste caso não está em causa a percepção da qualidade de vida ou de qualidade do ambiente residencial, mas sim da qualidade ambiental do lugar operacionalizada através de vários indicadores de poluição ambiental (e.g. ruídos, ratos, qualidade das águas dos rios). Assim, verifica-se que nesta amostra a qualidade ambiental percebida é influenciada pelo grau de identidade local e pela dimensão da localidade, demonstrando os resultados que a dimensão do lugar em que se vive só tem impacto sobre a qualidade ambiental percebida por sujeitos com baixa identidade associada ao lugar, não afectando os juízos daqueles que se identificam mais fortemente com os lugares onde vivem.

Relativamente à relação entre qualidade ambiental percebida e identidade associada ao lugar, os resultados apoiam a hipótese segundo a qual existe uma relação positiva entre as variáveis. Embora os dados recolhidos não forneçam informação concreta relativamente à direcção causal desta relação, assume-se que quanto maior for a identidade associada ao lugar maior será a qualidade ambiental percebida. Este resultado converge para os resultados de Bonaiuto e colaboradores (1996), Lalli e Thomas, (1988, 1989, citados por Lalli, 1992) e também para os do Estudo 1, segundo os quais o grau de identidade local influencia a percepção de qualidade ambiental, no sentido em que os sujeitos mais identificados consideram que o lugar onde vivem apresenta sempre uma melhor qualidade ambiental do que aquela que lhe é atribuída pelos indivíduos menos identificados. Subjacente a este fenómeno parece estar presente novamente um enviesamento positivo a favor do endogrupo (Tajfel, 1978,1981;Tajfel e Turner, 1979; Turner, 1987).

Relativamente à relação existente entre os conteúdos identitários e a qualidade ambiental percebida, os resultados demonstram que existe uma associação positiva entre a qualidade ambiental percebida e as dimensões instrumental, estética, histórico-cultural e resposta a necessidades básicas, e negativa com a dimensão problemas ambientais e sociais. As dimensões avaliativas mais fortemente associadas à percepção de qualidade ambiental são, pela positiva, a dimensão estética e funcional e, pela negativa, a dimensão de problemas ambientais e sociais. Assim, quanto mais o sujeito percebe o lugar onde vive como bonito e agradável, funcional, rico em termos histórico-culturais, com capacidade de satisfazer as necessidades básicas, e com menos tráfego, insegurança e problemas sociais maior é a sua percepção de qualidade ambiental. Estes conteúdos identitários apresentam todavia um valor preditivo diferente da qualidade ambiental percebida por indivíduos com baixa ou alta identidade associada ao lugar, constatando-se que em ambos os grupos a percepção de riqueza histórico-cultural do lugar não contribuiu para a percepção de qualidade ambiental percebida. No caso de indivíduos com baixa identidade local todas as restantes dimensões contribuem para a previsão da qualidade ambiental percebida, sendo que esta será tanto maior quanto maior for a percepção de beleza e funcionalismo do lugar e menor a percepção de resposta a necessidades básicas e de existência de tráfego, insegurança e problemas sociais. Quanto aos indivíduos com alta identidade associada ao lugar apenas duas dimensões contribuem significativamente para tal, verificando-se que a qualidade ambiental percebida será tanto maior quanto menos os sujeitos considerarem que os lugares onde vivem apresentam problemas sociais, de insegurança e de tráfego e mais os virem como lugares dotados de infra-estruturas, ofertas culturais e de lazer, ofertas de emprego, isto é, como lugares funcionais.

A generalização destes resultados para outras populações deve ser feita com algum cuidado, um vez que a validade externa do estudo não está totalmente garantida. A forma como os indivíduos se relacionam com o seu ambiente e constroem a sua identidade é

influenciada não só pelas características que lhe são subjectiva ou socialmente atribuídas, mas também pelas características objectivas dos próprios lugares. No caso da percepção de qualidade ambiental este facto parece evidente. Como foi referido anteriormente, o local onde se realizou esta pesquisa possui características específicas fruto do desenvolvimento urbano e industrial a que se tem assistido nos últimos anos. Uma visita ao terreno permitiu identificar um conjunto de indicadores de poluição local nas aldeias em questão (e.g. rio poluído, emanção de cheiros nauseabundos por uma vacaria, ruídos provenientes da proximidade a um itinerário complementar, fumos de fábricas instaladas na zona) ausentes nos outros cenários, que parecem contribuir para tornar saliente a existência de uma baixa qualidade ambiental para os sujeitos que aqui vivem e quotidianamente convivem com estas fontes de poluição. Esta percepção, embora minimizada entre os sujeitos com maior identidade com o lugar, acabou por se fazer sentir nos resultados da qualidade ambiental percebida em função da dimensão da localidade, que mostram claramente ser os sujeitos que vivem nas aldeias aqueles que atribuem uma menor qualidade ao seu ambiente. Este resultado é bastante interessante, na medida em que é contrário à ideia generalizada de que nas aldeias a qualidade ambiental é melhor, veiculada pelo povo em expressões como “nas aldeias o ar é mais puro”, pelo que será merecedor de maior atenção em futuros desenvolvimentos deste projecto, onde se procurará introduzir nomeadamente alguns indicadores objectivos de qualidade ambiental e analisar o seu efeito sobre a relação entre as variáveis em estudo.

Conclusões Gerais

A ideia de que os indivíduos se apropriam de características e significados atribuídos ao ambiente através de processos individuais, grupais e culturais, incorporando-as no seu auto-conceito, está reconhecida na literatura de psicologia ambiental através do conceito de identidade associada ao lugar (Proshansky et. al., 1983).

Embora tenha vindo a ser alvo de atenção por parte de alguns teóricos nas últimas décadas, os avanços realizados no seu estudo não permitiram ainda dar azo a um corpo teórico consistente, sendo muitas as limitações que têm sido apontadas como estando na base deste bloqueio. Entre as mesmas encontram-se a existência de confusão e falta de consenso a nível conceptual e terminológico, a diversidade de abordagens teóricas e empíricas, a falta de instrumentos de medida adequados e escassez de trabalho empírico (e.g. Devine-Wright e Lyons, 1997; Dixon e Durrheim, 2000; Giuliani e Feldman, 1993; Hidalgo e Hernández, 2001; Krupat, 1983; Lalli, 1992; Twigger-Ross e Uzzell, 1996).

Os trabalhos de Proshansky (1978) e Proshansky e colaboradores (1983), que concebem a identidade associada ao lugar como uma construção do indivíduo, e os de Lalli (1988,1992) posteriormente vieram salientar seu carácter social deram contributos importantes para a compreensão da relação que se estabelece entre identidade e ambiente. Também as recentes adaptações das teorias da identidade social e auto categorização social (Tajfel, 1978;1981; Tajfel e Turner, 1979; Turner, 1987) e da teoria dos processos identitários para contexto ambiental se têm mostrado férteis e proveitosas para a compreensão dos aspectos sociais da identidade associada ao lugar.

A investigação empírica realizada à data sobre este tema, embora não seja extensa, fornece suporte empírico quanto à influência da identidade associada ao lugar sobre as percepções (e.g. Bonaiuto et al., 1996; Lalli, 1988, 1992), atitudes (e.g. Lalli e Thomas, 1988,

1989, citados por Lalli, 1992; Lima, 1994, 1997 citada por Lima, 1998) e opções comportamentais dos indivíduos face ao seu ambiente (e.g. Nordenstam, 1994, citado por Bonaiuto et al., 1996), bem como quanto à sua importância para o bem estar dos mesmos (e.g. Lima e Palma-Oliveira, 2001), mas tem negligenciado claramente o estudo dos conteúdos simbólicos subjacentes à identidade associada ao lugar, ao assumir uma perspectiva essencialmente quantitativa. Foi neste âmbito que surgiu o projecto de investigação descrito nesta dissertação, tendo como objectivo central identificar os conteúdos subjacentes à identidade associada ao lugar através de uma metodologia qualitativa, e contribuir dessa forma para a superação da negligência a que o seu estudo tem sido votado. Alguns estudos (e.g. Bonaiuto et al., 1999; Gustafson, 2001; Lima, 1999), embora não tenham sido realizados com o intuito de estudar especificamente estes conteúdos, apresentam resultados bastante sugestivos quando transferidos para este campo, que reforçam a necessidade de se atender aos conteúdos identitários, isto é, às dimensões de identidade que integram as propriedades e características que a definem (Breakwell, 1986, 1992, 1993, 2001), por forma a melhor compreender a relação que se estabelece entre os indivíduos e o seu meio. Sugerem nomeadamente que indivíduos com o mesmo grau de identidade podem apresentar conteúdos identitários diferentes que influenciam de forma distinta as suas percepções, atitudes e opções comportamentais face ao ambiente (Lima, 1999); que as dimensões com base na qual os indivíduos avaliam o seu ambiente determinam de forma diferente a relação que com o mesmo estabelecem (Bonaiuto et al., 1999); e que subjacente à identidade associada a lugares de diferente dimensão podem estar conteúdos simbólicos distintos (Gustafson, 2001). Face a este conjunto de sugestões, a análise dos conteúdos identitários foi realizada atendendo ao grau de identidade reportado pelos sujeitos e à dimensão das localidades onde estes vivem, introduzindo-se ainda como objectivo analisar a relação existente entre as variáveis anteriormente citadas e a percepção da qualidade ambiental.

A realização de um primeiro estudo, de natureza qualitativa, junto de estudantes universitários permitiu identificar um conjunto bastante significativo de aspectos a que os indivíduos atendem quando avaliam os lugares com que se identificam. Sendo que existe uma correspondência entre muitos destes conteúdos e as dimensões e significados reportados por Bonaiuto et al. (1999) e Gustafson (2001) nos seus estudos, conclui-se que existe alguma consistência entre as características e dimensões com base nas quais as pessoas avaliam e edificam a sua identidade associada ao lugar. A aplicação de uma escala de conteúdos identitários a uma amostra de residentes do Grande Porto, construída com base nos conteúdos identificados nesse primeiro estudo, revela que os mesmos se agrupam em cinco grandes dimensões que se prendem genericamente com a funcionalidade do lugar, com a sua beleza estética, com a riqueza do seu património histórico-cultural, com a capacidade de resposta a necessidades básicas dos residentes em termos de amizades, privacidade e serviços mínimos, e por último, a questões relacionadas com a existência de problemas ambientais e sociais.

A forma como os sujeitos caracterizam os lugares onde vivem através destas dimensões é influenciada quer pela sua identidade com o lugar quer pela dimensão do mesmo. Em relação à identidade verifica-se que os indivíduos mais identificados com os lugares onde vivem apresentam sempre uma visão mais positiva do lugar, considerando que os mesmos são mais funcionais, bonitos, ricos em património histórico e cultural, capazes de satisfazer necessidades básicas e com menos problemas ambientais, enquanto que os menos identificados apresentam um comportamento inverso. Quanto à dimensão da localidade, os seus efeitos sobre as cinco dimensões de conteúdos não são tão lineares e parecem estar relacionados com a própria dimensão em análise. Apenas na dimensão problemas ambientais e sociais se verificam a existência de diferenças significativas entre os três tipos de localidade, com um crescendo de concordância com a mesma em paralelo ao aumento da dimensão do lugar, com base na existência de uma relação positiva entre as variáveis que é convergente

com os resultados de outros estudos que revelam que a qualidade percebida dos ambientes urbanos decresce com o aumento do tamanho das localidades (e.g. Appelbaum, 1976, Dahnman, 1983, citados por Bonaiuto e Bonnes, 1996; Fried, 1982). Estas variáveis interagem significativamente apenas sobre a percepção da capacidade que a localidade possui para satisfazer as necessidades básicas dos seus habitantes, levando a que os habitantes do Porto, considerem que esta é menor que os restantes sujeitos, independentemente do seu grau de identificação com a cidade.

Relativamente à percepção de qualidade ambiental, os resultados revelam que a dimensão do lugar apenas afecta os juízos efectuados a este respeito por residentes com baixa identidade com o lugar, acentuando nomeadamente a baixa qualidade percebida por residentes de pequenos lugares. Para os sujeitos que se identificam bastante com o lugar onde vivem, a dimensão deste parece não influenciar a percepção que os mesmos têm da qualidade ambiental, sendo esta marcadamente mais elevada do que percebida por aqueles que menos se identificam com o lugar. Mas os resultados que se consideram mais importantes relativamente à percepção de qualidade ambiental dizem respeito à sua relação com os conteúdos identitários e à capacidade destes determinarem a qualidade ambiental percebida por indivíduos com diferentes níveis de identidade. De acordo com os mesmos, verifica-se a existência de uma associação positiva com os conteúdos relativos à funcionalidade, beleza, património histórico-cultural e capacidade de satisfação de necessidades básicas, mas negativa com a relativa aos problemas ambientais e sociais, pelo que se conclui que a existência de uma visão genericamente mais positiva do lugar, alicerçada em cada uma destas dimensões, leva a que se efectuem juízos mais positivos acerca da sua qualidade ambiental. Para além disso, os conteúdos diferem na sua capacidade de prever a qualidade percebida por sujeitos com alta e baixa identidade com o lugar, sendo que as considerações relativas ao património histórico-cultural do lugar não têm peso nesta matéria e merecem ser alvo de

maior investigação. No caso dos indivíduos com baixa identidade, a sua percepção de qualidade do ambiente será tanto maior quanto maior for a percepção de beleza e funcionalidade do lugar e menor a percepção de capacidade de resposta a necessidades básicas e existência de problemas ambientais e sociais. Já para os indivíduos altamente identificados com as suas localidades a qualidade ambiental percebida será maior apenas em função de dois factores: uma menor percepção de existência de problemas ambientais e sociais e uma maior percepção de funcionalismo do lugar.

Muito embora os resultados a que se chegou através deste projecto ajudem a elucidar a relação que se estabelece entre identidade e ambiente, nomeadamente por constituir um primeiro esforço no sentido da identificação das dimensões avaliativas que estão subjacentes à mesma, a necessidade de desenvolver mais pesquisa sobre esta problemática persiste. Face à literatura existente e aos resultados destes estudos, existem algumas linhas de investigação sobre a problemática da identidade associada ao lugar que se pretende vir a seguir no desenvolvimento deste projecto, nomeadamente ao nível do programa doutoral. Assim, por forma a melhor compreender o impacto das características físicas e objectivas do ambiente sobre a forma como as pessoas se relacionam com o mesmo e constroem as suas identidades, pretende-se, futuramente, replicar este estudo junto de populações residentes em zonas do país com características diferentes em termos de desenvolvimento urbano e industrial (e.g. norte/sul, litoral/interior). A descoberta dos conteúdos identitários valorizados pelos habitantes das várias regiões que se venham a estudar, poderão ajudar ao desenvolvimento de projectos de intervenção destinados a, por exemplo, suster o êxodo rural através da promoção da identidade das localidades e a fomentar o desenvolvimento da identidade com o lugar de novos residentes ou de programas que visem a satisfação das necessidades reveladas pela populações. Outra linha de investigação que se pretende vir a implementar prende-se com a análise dos processos de identificação com vários lugares em simultâneo e escalpelização dos

conteúdos que favorecem a identificação com cada um dos mesmos (e.g. bairro, cidade, região), no sentido dos trabalhos realizados por Cuba e Hummon (1993) e por Hidalgo e Hernández (2001). Dado o crescimento urbano a que se assiste no litoral, resultante nomeadamente de fenómenos de êxodo rural e imigração, as fronteiras entre os lugares estão a torna-se progressivamente mais ténues, sobretudo nos grandes centros populacionais. Neste contexto seria interessante avaliar também como as pessoas lidam com este facto, e em que medida a percepção subjectiva das fronteiras dos lugares influencia o locus onde ancoram as suas identidades, na linha dos trabalhos desenvolvidos por Cortês e Aragonés (1991) e por Aragonés e colaboradores (1992) relativamente a percepção de território e identidade social.

Referências

Almeida, I. e Castro, P. (2002). Realojamento – Satisfação residencial e identidade local. Comunicação apresentada no I Colóquio Psicologia, Espaço e Ambiente, Universidade de Évora.

Aragonés, J., Corraliza, J., Cortês, B. e Amérigo, M.(1992). Perception of territory and social identity, In A. Mazis e C. Karaletsou (Orgs.), Socio-Environmental Metamorphoses. Salónica: University of Tessaloniki.

Bonaiuto, M. e Bonnes, M. (1996.) Multiplace analysis of the urban environment: A comparison between a large and a small italian city: Environment and Behavior, 28, 699-747.

Bonaiuto, M., Breakwell, G. e Cano, I. (1996). Identity processes and environmental threat: The effects of nationalism and local identity upon perception of beach pollution, Journal of Community and Applied Social Psychology, 6, 157-175.

Bonaiuto, M., Aiello, A., Perugini, M., Bonnes, M., e Ercolani, A. (1999). Multidimensional perception of residential environment quality and neighbourhood attachment in the urban environment, Journal of Environmental Psychology, 19, 331-352.

Breakwell, G. (1986). Coping with Threatened Identity. London: Methuen.

Breakwell, G. (1992). Processes of self-evaluation: Efficacy and estrangement. In G. Breakwell (Org.), Social Psychology of Identity and The Self-concept. Surrey: Surrey University Press.

Breakwell, G. (1993). Integrating paradigms: Methodological implications. In G. Breakwell e D. Canter (Orgs.), Empirical Approaches to Social Representations. Oxford: Clarendon Press.

Breakwell, G. (2001). Social representations constraints upon identity processes. In Philogene e Deaux (Orgs.), Representations of the Social: Bridging Theoretical Traditions.

Buttimer, A. (1980). Home, reach and the sense of place. In A. Buttimer e D. Seamon (Orgs.), The Human Experience of Space and Place (pp.166-187). London: Croom Helm.

Chawla, L. (1992). Childhood place attachments. In I. Altman e S. Low (Orgs.), Place Attachment. New York: Plenum Press.

Cortês, B. e Aragonés, J.(1991).Identidad social y territorio. Analisis cualitativo del discurso sobre os espacios comarcales de la comunidad de Madrid. In R. Castro (Org.), Psicologia Ambiental: Intervencion y Evaluación del Entorno. Sevilla: Arquetipo.

Cuba, L. e Hummon, D. (1993). A place to call home: Identification with dwelling, community and region, Sociological Quartely, 34, 1, 111-131.

Devine-Wright, P. e Lyons, E. (1997). Remebering pasts and representing places: The construction of national identities in Ireland, Journal of Environmental Psychology, 17, 33-45.

Dixon, J. e Durrheim, K. (2000). Displacing place identity: A discursive approach to locating self and other, British Journal of Social Psychology, 39, 1, 27-44.

Feldman, R. (1990). Sttlement identity: Psychological bonds with home places in a mobile society. Environment and Behavior, 22, 183-229.

Fried, M. (1982). Residential attachment: Sources of residential and community satisfaction. Journal of Social Issues, 38, 107-119.

Fried, M. (2000).Continuities and discontinuities of place, Journal of Environmental Psychology, 20, 193-205.

Giuliani, M. e Feldman, R. (1993). Place attachment in a developmental and cultural context, Journal of Environmental Psychology, 13, 267-274.

Gustafson, P. (2001). Meaning of place: Everyday experience and theoretical conceptualizations, Journal of Environmental Psychology, 21, 1, 5-16.

Hidalgo, M. e Hernández, B. (2001). Place attachment: Conceptual and empirical questions. Journal of Environmental Psychology, 21, 3, 273-281.

Hummon, D. (1992). Community attachment: Local sentiment and sense of place. In I. Altman e S. Low (Orgs.), Place Attachment (pp.253-278) New York: Plenum Press.

Instituto Nacional de Estatística. (1992). Census 91: Resultados Provisórios I, Norte. Lisboa: INE

Jorgensen, B. e Stedman, R. (2001). Sense of place as an attitude: Lakeshore owners attitudes toward their properties, Journal of Environmental Psychology, 21, 233-248.

Korpela, K. (1989). Place identity as a product of environmental self regulation, Journal of Environmental Psychology, 9, 3, 241-256.

Krippendorff, K. (1980). Content Analysis: An Introduction to Its Methodology. London: Sage.

Krupat, E. (1983). A place for place identity, Journal of Environmental Psychology, 3, 4, 343-344.

Krupat, E. (1985). People in Cities: The Urban Environment and Its Effects. Cambridge: Cambridge University Press.

Lalli, M. (1988). Urban related identity, In D. Canter, J. Jesuino, L. Soczka e G. Stephenson (Orgs.), Environmental Social Psychology (pp.303-311) London: Kluwer Academic Press.

Lalli, M. (1992). Urban related identity: Theory, measurement and empirical findings, Journal of Environmental Psychology, 12, 285-303.

Lima, M. L. (1998). Factores sociais na percepção de riscos, Psicologia, 12,1, 11-28.

Lima, M. L. (1999). Percepção de riscos ambientais: Uma abordagem psicossociológica. Paper presented no Ciclo de Conferências-Temas e Debates em Psicologia Social e Organizacional. ISCTE.

Lima, M.L. (2002). As marcas dos lugares nas pessoas: Identidade, apropriação e relações de vizinhança. In L.G. Brito (Org.), Gestão Urbana – Passado Presente Futuro. Lisboa: Parque Expo.

Lima, M.L. e Palma-Oliveira, J. (2001). Relatório da Monitorização Psicossocial da Lipor II: Campanha de Verão de 2001. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social.

Low, S. e Altman, I. (1992). Place attachment. A conceptual inquiry. In Altman e Low (Orgs.), Place Attachment (pp.1-12). NewYork: Plenum Press.

McAndrew, F. (1998). The measurement of rootedness and the predictions of attachment to home-towns in college students, Journal of Environmental Psychology, 18, 409-417.

Proshansky, H., Fabian, A. e Kaminoff, R. (1983). Place identity: Physical world socialization of the self, Journal of Environmental Psychology, 3, 1, 57-83.

Proshansky, M. (1978). The city and the self identity, Environment and Behavior, 10, 2, 147-169.

Relph, E. (1976). Place and Placelessness. London: Pion.

Riley, R. (1992). Attachment to ordinary landscape. In I. Altman e S. Low (Orgs.), Place Attachment. New York: Plenum Press.

Robson, C. (1993). Real World Research: A Source for Social Scientists and Practitioner Researchers. Oxford: Blackwell.

Rowles, G. (1983). Place and personal identity in old age: Observation from Appalachia, Journal of Environmental Psychology, 3, 299-313.

Shamai, S. (1991). Sense of place: An empirical measure. Geoforum, 22, 347-358.

Speller, Lyons e Twigger-Ross (1996). The imposed relocation of Arkwright: Self-evaluation processes and representation of social change in a mining community. Paper presented na EAESP Conference, Áustria.

Stedman, R. (2002). Toward a social psychology of place: Predicting Behavior from place-based cognitions, attitude and identity. Environment and Behavior, 34, 5, 561-581.

Stokols, D. e Sumaker, S. (1981). People in places: A transactional view of settings. In J. Harvey (Org.), Cognition, Social Behavior and Environment. New Jersey: Erlbaum.

Stokols, D. e Sumaker, S. (1985). The psychological context of mobility and well-being, Journal of Social Issues, 38, 147-171.

Tuan, Y. (1980). Rootedness versus sense of place. Landscape, 24, 3-8.

Tajfel, H. (1978). Differentiation Between Social Groups. London: Academic Press.

Tajfel, H. (1981). Human Groups and Social Categories. Cambridge: Cambridge Academic Press.

Tajfel, H. e Turner, J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict, In W. Austin e S. Worchel (Orgs.), The Social Psychology of Intergroup Behavior, CA: Brooks Cole.

Turner, J. (1987). Self categorization theory, In J. Turner, M. Hogg, P. Oakes, S. Reicher e M. Wetherell (Orgs.), Rediscovering The Social Group: A Self-categorization Theory. Oxford: Basil Blackwell.

Twigger-Ross, C. e Uzzel, L. (1996). Place and identity processes, Journal of Environmental Psychology, 16, 205-220.

Vala, J. (1987). A análise de conteúdo, In A. Silva e J. Pinto (Orgs.), Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento.

Valera, S. e Pol, E. (1994). El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. Anuario de Psicología, 62,5-24.

ANEXOS

Anexo 1

Listagem das localidades referidas pelos sujeitos: número de observações e classificação em função da dimensão.

Localidade		Dimensão da Localidade			Total
		Cidade	Vila	Aldeia	
	Alenquer		1		1
	Algés		1		1
	Almada	2			2
	Alverca	1			1
	Amadora	3			3
	Amora	1			1
	Amoreira			1	1
	Anças			1	1
	Azambuja		1		1
	Baixa da Banheira		3		3
	Brotas			1	1
	Cacém		2		2
	Cadaval		1		1
	Caldas da Rainha	1			1
	Carcavelos		2		2
	Carregado			1	1
	Cascais		1		1
	Castanheira do Ribatejo		1		1
	Coimbra	3			3
	Costa da Caparica	1	1		2
	Cova da Piedade	1			1
	Covilhã	1			1
	Entrocamento	1			1
	Feijó			1	1
	Ferreira do Zézere		1		1
	Feteira	1			1
	Foros de Amora	1			1
	Guarda	1			1
	Lagoa		1		1
	Linda a Velha		2		2
	Lisboa	15			15
	Maia	1			1
	Massama	1			1
	Mercês		1		1
	Miratejo		1		1
	Montijo	1			1
	Odivelas	1			1
	Oeiras		1		1
	Paivas	2			2

		Dimensão da Localidade			Total
		Cidade	Vila	Aldeia	
Localidade					
	Palmela		1		1
	Parede		1		1
	Portela da Azóia		2		2
	Porto	1			1
	Póvoa de Santo Adrião		1		1
	Praia das Maças			1	1
	Salvaterra de Magos		1		1
	Santa Clara Nova			1	1
	Santa Eugénia			1	1
	Santa Maria de Lamas		1		1
	Santarém	1			1
	Sertã		1		1
	Sesimbra		1		1
	Setubal	4			4
	Sines	1			1
	Sintra		2		2
	São Miguel	1			1
	Tomar	1			1
	Torre da Marinha		1		1
	Torres Vedras	2			2
	Unhais o Velho			1	1
	Vendas Novas	2			2
	Viana do Castelo	1			1
	Vila Franca de Xira	1			1
	Vila Nova de Santo André		2		2
	Vila Nova de São Bento		1		1
	Vila Verde de Ficalho			1	1
	Vila Viçosa		1		1
	Viseu	1			1
	Óbidos		1		1
Total		56	37	10	103

Anexo 2

Dicionário de Categorias⁵

Dimensão Social	
Categoria	Definição
Vinculação ao Lugar	Referência ao facto de sentir saudades da localidade quando está ausente e não conceber viver noutra sítio definitivamente. Ex.: "não me imagino a viver noutra local do país" 09, C, N.S.;" não me imagino a viver definitivamente noutra sítio" 02, C, M; "sempre que me ausento de Lisboa acabo por sentir um desejo enorme de regresso" 47, C, H.
Ligação ao lugar	Referência ao sentimento de conforto, bem estar e segurança associado à localidade. Ex.: "onde encontro paz de espírito" 40, A, M; "onde me sinto melhor" 33, C, H;" o facto de me sentir em casa" 03, C, M;" uma pessoa sente-se segura estando lá" 11, C, M.
Participação Social	Referência à participação em actividades e iniciativas locais de índole cultural, recreativo, desportivo ou outro. Ex.: "sempre colaborei em projectos relativos à comunidade" 02, C, M; " ando nos escuteiros de Linda-a-Velha o que faz ligarmo-nos muito mais à localidade" 41, V, M.
Redes Sociais	Referência ao desenvolvimento de laços afectivos na localidade (familiares, amigos ou vizinhos) e conseqüente sentimento de familiaridade social. Ex.: "criei laços afectivos muito fortes" 03, C, M; "onde tenho o meu grupo de amigos" 13, V, M; "ter estabelecido relações sociais coesas" 02, C, M; "onde os meus pais moram e tenho o meu grupo de amigos" 13, V, M.
Falta de Privacidade	Referência à existência de falta de privacidade decorrente da falta de anonimato e da intromissão de terceiros na vida do sujeito. Ex.: "falta de anonimato" 19, A, M; "há intromissões na vida alheia" 20, A, M; "as pessoas são um pouco intrometidas" 15, C, M; " mais coscuvilheiros" 51, C, M.
Privacidade	Referência à existência de privacidade na localidade. Ex.: "não é tão pequena que todos saibam da vida dos outros" 02, C, M.
Raízes	Referência há existência de raízes no local derivadas do facto de ter nascido, sido criado ou vivido durante muito tempo na localidade. Ex.: "facto de ter crescido lá" 02, C, M; "foi lá que nasci e tenho sido criada" 04, V, M; "morei lá bastantes anos" 50, C,M.
Espírito de Comunidade	Referência a características que remetem para a existência de um espírito de comunidade, como sejam a união, entreaajuda, solidariedade, convívio entre a população e desenvolvimento de actividades em grupo. Ex.: "há um grande convívio entre todos", 16, V, M; "é uma população essencialmente unida" 32, V, M; "entreaajuda entre vizinhos" 07, V, M; "têm tendência para desenvolver projectos em grupo" 02, C, M.

Caracterização dos Habitantes	
Categoria	Definição
Mentalidade Aberta	Caracterização dos habitantes da localidade como tendo uma mentalidade aberta e/ou menos retrógrada comparativamente com os de outras localidades. Ex.: "mente mais aberta" 14, C, M; "a mentalidade não é tão retrógrada como noutros locais" 09, C, NS.
Simpatia	Caracterização dos habitantes da localidade como sendo pessoas simpáticas, agradáveis, alegres, afáveis e respeitadoras. Ex.: "são pessoas agradáveis" 01, V, M; "pessoas respeitadoras" 65, C, M.
Hospitalidade	Caracterização dos habitantes da localidade como sendo pessoas hospitaleiras e acolhedoras. Ex.: "os habitantes são muito hospitaleiros" 02, C, M, "acolhedores" 18, V, H.
Simplicidade	Caracterização dos habitantes da localidade como sendo pessoas humildes, sinceras, simples, calmas, pacatas, com pouca ambição e alguma ingenuidade. Ex.: "humildade, sinceridade, ingenuidade", 56, C, M.
Mentalidade Fechada	Caracterização dos habitantes da localidade como pessoas conservadoras e de mente fechada. Ex.: "mente das pessoas é muito fechada" 13, V, M; "conservadorismo" 33, C, H.
Impessoalidade	Caracterização dos habitantes locais como pessoas menos abertas do ponto de vista social, menos simpáticas, indiferentes ao outro. Ex.: "pessoas mais fechadas" 08, V, M; "são menos acolhedoras e simpáticas", 93, C, M.
Ostentação	Caracterização dos habitantes como pessoas de ostentação, consumistas. Ex.: "os habitantes daquela zona tornaram-se ostentativos" 77, V, M.
Ambição	Caracterização dos habitantes como pessoas ambiciosas, dinâmicas e independentes. Ex.: "dinâmicos" 05, C, M..
Pronúncia Específica	Referência ao facto da população local possuir uma pronúncia própria ou fazer um uso particular da língua portuguesa. Ex.: "o sotaque", 97, C, H; "utilizam a língua portuguesa na sua forma mais correcta" 52, C, M.

⁵ O código que acompanha cada exemplo é constituído pelo número do questionário, seguido do tipo de localidade a que o sujeito de refere (C- cidade, V- vila, A- aldeia), e do sexo do sujeito (M – Mulher, H- Homem, NS – não se sabe por falta de preenchimento deste campo no questionário).

Património Histórico e Cultural	
Categoria	Definição
Monumentos	Referência geral a monumentos locais ou alusão a monumentos locais específicos (castelos, mosteiros, igrejas, estátuas, outros). Ex.: "monumentos históricos" 08, V, M; "Cristo Rei", 71, C, M.
Património Arquitectónico	Avaliação positiva do património e dos traços arquitectónicos da localidade, bem como desejo da sua conservação. Ex.: "estética antiga" 03, C, M; "gostaria que se preservasse o ambiente histórico sendo mantidas as estruturas dos prédios antigos que caracterizam a nossa cidade" 14, C, M; "reabilitação da parte antiga" 13, V, M.
Passado Histórico	Alusão à existência de um passado histórico rico ou com forte carga cultural. Ex.: "carga histórica e cultural muito forte" 31, V, H; "Terra de reis e rainhas, de poetas e escritores" 48, V, M.
Tradições	Referência a tradições locais (festas, feiras, romarias, iniciativas sazonais, outras), e avaliação positiva da sua preservação. Ex.: "a Festa dos Tabuleiros é uma tradição muito colorida que ainda não morreu", 03, C, M; "Feira da Agricultura" 72, V,M; "presépio em ponto grande no Natal", 13, V, M; "terra dos forcados" 80, C, M.
Gastronomia	Avaliação positiva da gastronomia local, vinhos e outros produtos considerados singulares (ex.: pão, peixe). Ex.: O vinho da região é um dos melhores do país" 01, V, M; "adoro o pão que se faz lá, é único", 03, C, M; "a gastronomia é muito apreciada" 03, C, M.

Património Natural	
Categoria	Definição
Beleza da Paisagem	Avaliação positiva das paisagens locais e do património natural em geral. Ex.: " a paisagem que envolve a vila é idflica" 01, V, M; "vista linda sobre o Tejo" 14, C, M.
Proximidade com a Natureza	Referência ao facto da localidade se encontrar perto do campo, permitir ainda o contacto e proximidade com a natureza. Ex.: "onde ainda se pode ouvir os passarinhos", 60, V, M; "contacto com a natureza", 08, V, M; "o prazer do campo" 95, A, M.
Praia e Mar	Referência à proximidade da localidade face a praias e ao mar como uma vantagem, e avaliação positiva destes cenários. Ex.: "está próxima da praia", 71, C, M; "terra que em termos naturais é muito bonita, principalmente a praia e o mar" 06, V, M.
Rios e Outros Recursos Hídricos	Referência à existência de rios, lagoas e cascatas locais e sua avaliação positiva. Ex.: "o rio Zézere" 39, V, M; "cascatas em lugares secretos" 12, C, M; "banhada por um rio maravilhoso" 47, C, H.
Serras	Referência à existência de serras locais e avaliação positiva da proximidade da localidade às mesmas. Ex.: proximidade com a Serra da Estrela", 97, C, M; "o ambiente mítico da serra" 08, V, M.
Espaços Verdes Suficientes	Avaliação positiva dos espaços verdes construídos (jardins, parques) existentes na localidade. Ex.: "jardim bonito" 02, C, M.
Espaços Verdes Insuficientes	Avaliação negativa dos espaços verdes construídos existentes na localidade e referências à necessidade de preservar e construir mais espaços desta natureza. Ex.: "mais locais verdes" 05, C, M; "que fossem preservados mais espaços naturais" 18, V, H.

Caracterização do Ambiente Físico e Social	
Categoria	Definição
Qualidade Ambiental	Avaliação positiva da qualidade do ambiente local, com referência à existência de um bom ambiente físico, bom clima e inexistência de poluição a vários níveis. Ex.: "local limpo" 15, C, M; "ribeiras e rios limpos" 12, C, M; "ar puro que se respira" 17, V, M; "a poluição é diminuta" 01, V, M; "o tempo é bastante bom" 18, V, H.
Poluição	Avaliação negativa da qualidade do ambiente local, com referência à existência de um mau ambiente físico e poluição a vários níveis. Inclui preocupação manifestada com a degradação do ambiente físico. Ex.: "muito barulhenta" 05, C, M; "fumo" 05, C, M; "a poluição é um ponto que tem vindo a preocupar-me" 04, V, M.
Clima	Inclui descrições não avaliativas do clima da localidade. As avaliações positivas do clima são incluídas na categoria Qualidade Ambiental. Ex.: "frio" 51, C, M.
Bulício	Caracterização da localidade como sendo agitada, alegre e com vida. Ex.: "tem muita vida" 09, C, NS; "grande agitação tanto de dia como de noite" 05, C, M; "alegre" 18, V, M.
Tranquilidade	Caracterização da localidade como sendo calma, tranquila, relaxante e com pouco stress. Ex.: "muita tranquilidade" 43, V, M; "há pouco stress" 11, C, M.
Avaliação Positiva da Localidade	Avaliação positiva da localidade em geral, como o ser bonita, agradável, luminosa, simpática, linda, entre outras. Ex.: "terra muito bonita" 06, V, M; "é uma terra linda" 11, C, M; "local agradável" 16, V, M; "bonita, luminosa" 05, C, M.
Centralidade	Avaliação positiva da localização geográfica da localidade e sua proximidade e centralidade face a outros centros populacionais. Ex.: "está bem situada" 04, V, M; "proximidade a Lisboa" 06, V, M.
Isolamento Geográfico	Avaliação negativa da localização geográfica da localidade e consequente isolamento geográfico ou distanciamento de centros urbanos importantes. Ex.: "a distância do centro urbano" 87, V, H; "é um pouco longe de Lisboa" 96, A, M.

Caracterização Económica	
Categoria	Definição
Desenvolvimento da Localidade	Caracterização da localidade como se encontrando em crescimento ou desenvolvimento. Ex.: "sítio em crescimento", 10, C, M.
Estagnação da Localidade	Referência ao baixo desenvolvimento observado na localidade. Ex.: "pouco desenvolvimento económico que se tem observado" 19, A, M.
Actividades do Sector Primário	Referência ao facto de, na localidade, ainda se desenvolverem com grande expressão actividades económicas pertencentes ao sector primário (e.g. agricultura e pescas). Ex.: "existem muitas actividades ligadas ao mar" 09, C, NS; "o sector predominante é talvez a agricultura" 20, A, M.
Actividades do Sector Terciário	Referência ao facto de, na localidade, se desenvolverem com forte expressão actividades relacionadas com o sector terciário (e.g. serviços e comércio). Ex.: "Falta ou quase ausência de outros sectores de actividade que não o terciário" 06, V, M; "actividades essencialmente comerciais" 04, V, M.
Maiores Oportunidades de Emprego	Referência à existência de maiores oportunidades de emprego na localidade comparativamente com outros locais. Ex.: "maior facilidade de emprego".
Menores Oportunidades de Emprego	Referência à existência de menores oportunidades de emprego na localidade e necessidade de criação de melhores condições e mais postos de trabalho na mesma. Ex.: "criação de condições de trabalho naquela zona" 08, V, M; "local com pouca oferta ao nível do mercado de trabalho" 19, C, M.
Menor Custo de Vida	Referência à existência de um menor custo de vida na localidade, com a prática de preços mais acessíveis. Ex.: "preços dos produtos alimentares e vestuário são mais baratos" 11, C, M; "podes ir ao cinema por uma quantia insignificante" 17, V, M.
Maior Custo da Habitação	Referência ao elevado custo da habitação na localidade, sendo este aspecto visto como uma desvantagem. Ex.: "aquisição de habitação cada vez mais cara" 45, V, NS; "valor excessivo das casas" 47, C, H.

Caracterização Sócio-Demográfica	
Categoria	Definição
Pequena Dimensão	Descrição da localidade como sendo de pequena dimensão. Ex.: “é muito pequena”40, V, M;
Grande Dimensão	Descrição da localidade como sendo de grande dimensão. Ex.: "grande" 26, C, H.
Elevada Densidade Populacional	Referência ao povoamento excessivo da localidade. Inclui a preocupação com o crescimento da densidade populacional no futuro. Ex.: "densidade populacional" 08, V, M; "está a ficar cada vez mais habitado" 45, V, NS.
População Idosa	Referência à existência de um número significativo de idosos na localidade. Ex.: Começa a haver muitos idosos" 13, V, M.
População Jovem	Referência à existência de um número significativo de jovens na localidade. Ex.: "muita gente jovem" 18, V, H.
Dormitório	Caracterização da localidade como sendo um dormitório ou subúrbio de outra localidade maior. Ex.: "dormitório" 07, V, M; "ambiente de subúrbio de uma cidade" 07, V, M; "essencialmente constituído por prédios e edifícios de moradias" 07, V, M.
Segurança	Caracterização da localidade como sendo segura e bem frequentada. Ex.: "segurança nas ruas" 13, V, M; " terra bem frequentada" 75, V, M.
Insegurança	Caracterização da localidade como sendo insegura, perigosa, com elevados níveis de violência e criminalidade, problemas sociais, bem como referência à necessidade de maior policiamento e vigilância na zona. Inclui referências à proximidade de zonas problemáticas. Ex.: "insegurança nas ruas" 07, V, M; "Bairro das Marianas faz com que as pessoas tenham medo desta zona" 66, V, M; "mais vigilância acima de tudo" 16, V, M; "problemas sociais" 08, V, M.
Diversidade/ Heterogeneidade de Pessoas	Referência à existência de diversidade ao nível das origens sociais e culturais dos habitantes da zona e à possibilidade de, em função disso, se poder conhecer pessoas bastante diferentes. Ex.: “centro de diversidade, é heterogénea” 05, C,M; “contacto com muita gente interessante" 36, C, M.

Caracterização das Infra-Estruturas e Serviços Locais	
Categoria	Definição
Acessibilidade de Serviços	Referência ao facto da localidade oferecer bons serviços e permitir um bom acesso à informação. Ex.: "fácil acesso a todos os serviços", 02, C, M; "acesso a maior número de informações" 05, C, M "tem tudo relativamente perto" 02, C, M.
Oferta Inadequada de Serviços	Avaliação negativa dos serviços existentes na localidade e referência à necessidade de aumentar a oferta e diversidade dos mesmos. Ex.: "Mais lojas" 19, A, M; "falta de determinados estabelecimentos e pouca variedade de serviços" 22, C, M; "fraco desenvolvimento comercial" 25, C, M; "poucos estabelecimentos comerciais" 28, A, M.
Infra-Estruturas Rodoviárias Insuficientes	Avaliação negativa das infra-estruturas rodoviárias existentes (estradas, acessos, ICs, auto-estradas) e referência à necessidade de conservação e criação de mais vias de comunicação. Inclui também referências ao problema do estacionamento. Ex.: "mais vias de comunicação" 12, C, M;" falta de sítios para estacionar" 94, V, H.
Infra-Estruturas Rodoviárias Suficientes	Avaliação positiva das infra-estruturas rodoviárias existentes (estradas, acessos, ICs, auto-estradas, estacionamentos) na localidade . Ex.: "Bons acessos", 53, C, H; "ótimos acessos" 104, C, M.
Trânsito Elevado	Percepção de um alto nível de tráfego na localidade e sua avaliação negativa. Ex.: " tem imenso trânsito" e " o número de carros na estrada" 05, C, M.
Trânsito Diminuto	Percepção de um reduzido nível de tráfego na localidade e avaliação positiva deste facto. Ex.: " tem um trânsito relativamente fácil" e "pouco trânsito" 80, C, M.
Transportes Suficientes	Avaliação positiva dos serviços de transportes existentes na localidade, ao nível da lotação, preço e cadência. Ex.: "tem imensos transportes públicos" 78, C, H; " os transportes públicos são frequentes e nunca estão lotados" 11, C, M.
Transportes Insuficientes	Avaliação negativa do serviço de transportes existentes e referência à necessidade do mesmo ser melhorado. Ex.: "melhores transportes" 03, C, M; "melhores ligações ferroviárias até Tomar" 39, V, M.
Infra-Estruturas de Ensino Insuficientes	Avaliação negativa das infra-estruturas de ensino existentes e desejo de ver construídos novos equipamentos. Inclui a falta de bibliotecas e centros de estudo. Ex.: "Queria que fosse construída uma escola secundária" 17, V, M.
Infra-Estruturas de Ensino Suficientes	Referência à existência de adequadas infra-estruturas de ensino na localidade. Inclui as referências à existência de bibliotecas e centros de estudo. Ex.: "boas escolas" 50, C,M; "bem desenvolvida no ensino académico" 97, C, H.

Caracterização das Infra-Estruturas e Serviços Locais (continuação)	
Categoria	Definição
Infra-Estruturas Desportivas Suficientes	Avaliação positiva das infra-estruturas desportivas existentes. Inclui referência a equipamentos e clubes locais. Ex.: "tem um clube desportivo e um campo de futebol" 76, A, M; "estádio nacional com imensas actividades desportivas para desfrutar" 41, V, M.
Infra-Estruturas Desportivas Insuficientes	Avaliação negativa das infra-estruturas desportivas existentes e referência à necessidade de criação das mesmas. Ex.: "piscinas sem condições" 02, C, M.
Infra-Estruturas e Serviços de Saúde Insuficientes	Percepção de falhas ao nível das infra-estruturas e serviços de saúde existentes na localidade (hospitais, centros de saúde) e referência à necessidade de criação e melhoramento dos mesmos. Ex.: "[que construíssem] um centro de saúde novo", 02, C, M; "a área da saúde também podia ser melhorada, as infra-estruturas estão saturadas" 04, V, M.
Infra-Estruturas e Serviços de Saúde Suficientes	Avaliação positiva das infra-estruturas e serviços de saúde existentes na localidade (hospitais, centros de saúde). Ex." bons recursos humanos (hospitais, centros de saúde)" 27, V, M; "centro de saúde novo (...)existência de três farmácias sempre abertas"02, C, M.
Falta de Controlo e de Planeamento Urbano Adequado	Referências à inexistência de planeamento urbano e controlo desadequado sobre a construção civil. Ex.: "desorganização urbanística" 08, V, M; "construção desenfreada de prédios de habitação e centros comerciais" 27, C, M.
Existência de Controlo e Planeamento Urbano Adequado	Caracterização da localidade como sendo estruturada e organizada, deixando antever a existência de um adequado controlo e planeamento urbano. Ex." tem um limite de desenvolvimento imposto pela câmara" 02, C, M; "bem organizada em termos de estrutura e funcionamento" 27, V, H; "organizada"49, C, M.
Infra-Estruturas Única no País	Referência à existência na localidade de uma infra-estrutura única em todo o país. Ex.: " tem o museu do comboio" 10, C, M; "cacilheiros" 71, C, M; 02, C, M; "única localidade que tem metro" 92, C, M; "é o terminal dos famosos eléctricos de Lisboa" 94, V, H.
Suficientes Ofertas Culturais e de Lazer	Avaliação positiva da oferta existente a nível cultural, turístico e de lazer. Ex.: "disponibilidade e variedade de espectáculos" 59, C, M; "tem bares para sair à noite" 09, C, NS; "local turístico" 08, V, M.
Insuficientes Ofertas Culturais e de Lazer	Avaliação negativa da oferta existente a nível cultural, turístico e de lazer e expressão da necessidade de serem criadas mais condições, eventos e espaços com este fim. Ex.: "poucas ocupações ao fim de semana", 02, C, M; "cidade muito pobre em termos culturais" 34, C, M; "não tem grande interesse turístico" 17, V, M.

Anexo 3

Frequência das categorias apuradas através da análise de conteúdo (percentagens em função da dimensão da localidade entre parêntesis)

Categoria	Dimensão da Localidade		
	Cidade (n=56)	Vila ou Aldeia (n=47)	Total (n=103)
Acessibilidade de Serviços	8(14,3)	7(14,9)	15(14,6)
Actividades do Sector Primário	0	2(4,3)	2(1,9)
Actividades do Sector Terciário	0	3(6,4)	3(2,9)
Ambição	0	1(2,1)	1(1)
Avaliação Positiva da Localidade	22 (39,3)	25(53,2)	47(45,6)
Beleza da Paisagem	10(17,9)	7(14,9)	16(15,5)
Bulício	9(16,1)	2(4,3)	11(10,7)
Centralidade	17(30,4)	14(29,8)	31(30,1)
Clima	6(10,7)	4(8,5)	10(9,7)
Desenvolvimento da Localidade	7(12,5)	2(4,3)	9(8,7)
Diversidade/ Heterogeneidade de Pessoas	2(3,6)	5(10,6)	7(6,8)
Dormitório	3(5,4)	4(8,5)	7(6,8)
Elevada Densidade Populacional	3(5,4)	5(10,6)	8(7,8)
Espaços Verdes Insuficientes	5(8,9)	9(19,1)	14(13,6)
Espaços Verdes Suficientes	23(41,1)	8(17)	31(30,1)
Espírito de Comunidade	4(7,1)	14(29,8)	18(17,5)
Estagnação da Localidade	2(3,6)	4(8,5)	6(5,8)
Existência de Controlo e Planeamento Urbano Adequado	3(5,4)	2(4,3)	5(4,9)
Falta de Controlo e Planeamento Urbano Adequado	6(10,7)	3(6,4)	9(8,7)
Falta de Privacidade	6(10,7)	5(10,6)	11(10,7)
Gastronomia	3(5,4)	5(10,6)	8(7,8)
Grande Dimensão	5(8,9)	1(2,1)	6(5,8)
Hospitalidade	4(7,1)	5(10,6)	9(8,7)
Impessoalidade	5(8,9)	1(2,1)	6(5,8)
Infra-Estruturas de Ensino Insuficientes	7(12,5)	4(8,5)	10(9,7)
Infra-Estruturas de Ensino Suficientes	3(5,4)	1(2,1)	4(3,9)
Infra-Estruturas Desportivas Insuficientes	3(5,4)	4(8,5)	7(6,8)
Infra-Estruturas Desportivas Suficientes	0	3(6,4)	3(2,9)
Infra-Estruturas e Serviços de Saúde Insuficientes	3(5,4)	6(12,8)	9(8,7)

Categoria	Dimensão da Localidade		
	Cidade (n=56)	Vila ou Aldeia (n=47)	Total (n=103)
Infra-Estruturas e Serviços de Saúde Suficientes	2(3,6)	0	2(1,9)
Infra-Estruturas Rodoviárias Insuficientes	9(16,1)	6(12,8)	11(10,7)
Infra-Estruturas Rodoviárias Suficientes	5(8,9)	0	5(4,9)
Infra-Estruturas Únicas no País	5(8,9)	1(2,1)	6(5,8)
Insegurança	11(19,6)	7(14,9)	18(17,5)
Insuficientes Ofertas Culturais e de Lazer	13(23,2)	11(23,4)	24(23,3)
Isolamento Geográfico	0	2(4,3)	2(1,9)
Ligação ao lugar	5(8,9)	3(6,4)	8(7,8)%
Maior Custo da Habitação	2(3,6)	2(4,3)	4(3,9)
Maiores Oportunidades de Emprego	2(3,6)	0	2(1,9)
Menor Custo de Vida	1(1,8)	1(2,1)	2(1,9)
Menores Oportunidades de Emprego	10(17,9)	7(14,9)	17(16,5)
Mentalidade Aberta	3(5,4)	1(2,1)	4(3,9)
Mentalidade Fechada	1(1,8)	2(4,3)	3(2,9)
Monumentos	8(14,3)	6(12,8)	14(13,6)
Oferta Inadequada de Serviços	3(5,4)	5(10,6)	8(7,8)
Ostentação	1(1,8)	1(2,1)	2(1,9)
Participação Social	2(3,6)	1(2,1)	3(2,9)
Passado Histórico	6(10,7)	6(12,8)	12(11,7)
Património Arquitectónico	8(14,3)	3(6,4)	11(10,7)
Pequena Dimensão	1(1,8)	5(10,6)	6(5,8)%
Poluição	8(14,3)	2(4,3)	10(9,7)
População Idosa	0	1(2,1)	1(1)
População Jovem	1(1,8)	1(2,1)	2(1,9)
Privacidade	1(1,8)	1(2,1)	2(1,9)
Pronúncia Específica	2(3,6)	1(2,1)	3(2,9)
Proximidade com a Natureza	2(3,6)	14(29,8)	16(15,5)
Praia e Mar	14(25)	15(31,9)	29(28,2)
Serras	4(7,1)	3(6,4)	7(6,8)
Qualidade Ambiental	9(16,1)	12(25,5)	21 (20,4)
Raízes	34(60,7)	29(66,7)	63(61,2)
Redes Sociais	26(46,4)	28(59,6)	54(52,4)
Rios e Outros Recursos Hídricos	5(8,9)	4(8,5)	9(8,7)

Categoria	Dimensão da Localidade		
	Cidade (n=56)	Vila ou Aldeia (n=47)	Total (n=103)
Segurança	9(16,1)	7(14,9)	16(15,5)
Simpatia	12(21,4)	12(25,5)	24(23,3)
Simplicidade	7(12,5)	7(14,9)	14(13,6)
Suficientes Ofertas Culturais e de Lazer	19(33,9)	8(17)	27(26,2)
Tradições	10(17,9)	6(12,8)	16(15,5)
Tranquilidade	25(45)	31(66)	56(54,4)
Trânsito Diminuto	2(3,6)	1(2,1)	3(2,9)
Trânsito Elevado	13(23,2)	5(10,6)	18(17,5)
Transportes Públicos Insuficientes	3(5,4)	4(8,5)	7(6,8)
Transportes Públicos Suficientes	7(12,5)	1(2,1)	8(7,8)
Vinculação ao Local	6(10,7)	1(2,1)	7(6,8)